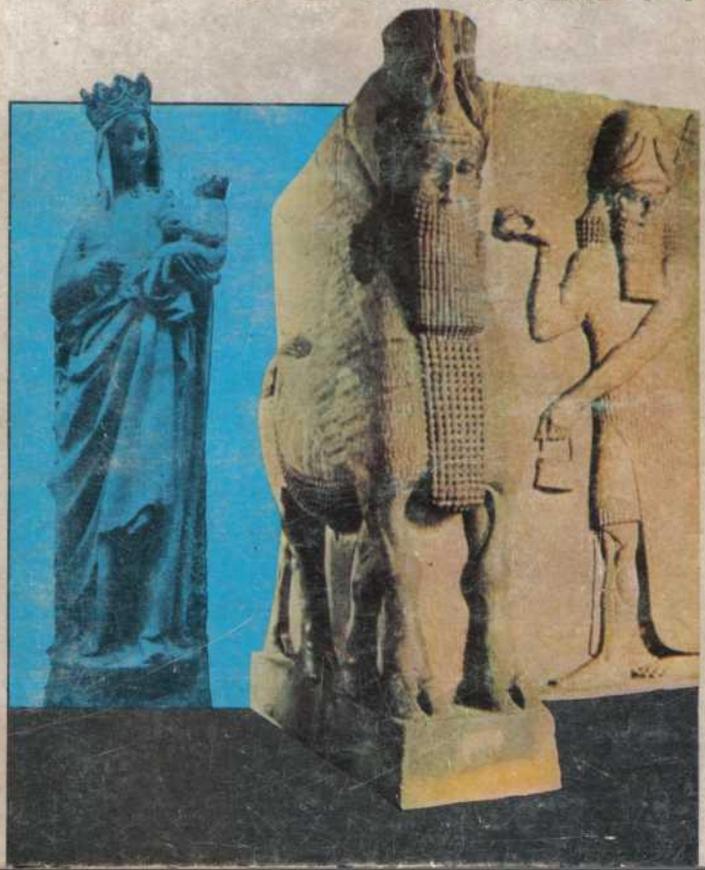




# BABILÔNIA ONTEM E HOJE

ABRAÃO  
DE ALMEIDA



**Abraão de Almeida**  
**(Da Academia Evangélica de Letras)**

# **BABILÔNIA, ONTEM E HOJE**



*À minha esposa Lúcia e aos meus  
filhos Elaine, Elaíse, Élide e Júnior,  
dedico este trabalho.*

## ÍNDICE

Prefácio .....	6
Apresentação .....	8
Introdução .....	9
1. A Origem do paganismo.....	13
2. Ninrode, Semíramis e Tammuz .....	19
3. Algumas doutrinas pagãs .....	26
4. No rastro de Babilônia.....	32
5. Pérgamo e o trono de Satanás .....	41
6. Deuses, semideuses e santos .....	47
7. A páscoa e outras ofertas.....	53
8. Mitos e relíquias .....	64
9. Culto a Maria .....	73
10. Uma afronta à fé cristã.....	83
11. Inovações e Reforma.....	90
12. Papa não é infalível.....	97
13. A ameaça ecumênica .....	112

Todos os Direitos Reservados. Copyright © 1979 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Almeida, Abraão Pereira de, 1939-

A444b            Babilônia, ontem e hoje / Abraão Pereira de Almeida ; prefácio de Antonio Gilberto. - Rio de Janeiro : Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1982.

1. Civilização Assírio - Babilónica - História
2. Civilização Assírio - Babilónica-Religião I. Título.

CDD - 935  
296.125  
CDU - 935  
2(354)

82-0046

Código para Pedidos: CV-401  
Casa Publicadora das Assembléias de Deus  
Caixa Postal, 331  
20001 Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
5.000/1979  
5.000/1980 - 2\* Edição  
5.000/1982 - 3\* Edição  
5.000/1984 - 4' Edição

## PREFÁCIO

*Em muito boa hora brinda-nos o escritor Abraão de Almeida com o livro que o leitor tem em mãos. Em boa hora, dizemos, porque a cristandade do presente momento defronta-se com influências as mais sutis, de ordem religiosa e filosófica, que corrompem a fé genuinamente evangélica. Todos os que primam pela ortodoxia evangélica encontrarão no presente livro valiosos subsídios.*

*Ante o liberalismo teológico que ora caracteriza certos segmentos da Igreja, a exposição dos fatos do culto pagão babilônico e sua absorção pelo Romanismo em seus primórdios e até hoje perpetuados, o presente livro enseja um exame da situação de então e a atual, no que concerne ao culto genuinamente cristão.*

*Li com muita avidez o livro em consideração, visando atender a honrosa solicitação do autor para que eu emitisse o meu humilde parecer. Bebi com sofreguidão sua rica matéria exposta com tanta propriedade. O livro é altamente oportuno e proveitoso no presente momento, quando necessário se torna lançar um olhar retrospectivo para a origem de certas práticas religiosas hoje em evidência em certas alas da cristandade, práticas essas originadas no paganismo oriental.*

*O autor, profundo pesquisador que é, perlustrou fontes históricas seguras, e com a devida destreza, não ataca nem defende. Apenas expõe os fatos à guisa de prevenção para quem desconhece os mesmos, ou para quem quer apenas refrescar a memória. De modo concatenado e lógico ele faz desfilar perante o leitor as práticas e costumes pagãos, que de modo solerte e descabi do passaram a ocupar um lugar nas comemorações e festas cristãs, como Natal, Ano Novo, Páscoa, etc.*

*Hoje, à medida que se propaga o ecumenismo, mais se aplaina o caminho para que tais práticas sejam reiniciadas, reencenadas e perpetuadas na Igreja de Deus. O ecumenismo que hoje se apregoa, nada tem a ver com o que Jesus preconizou em João 17.21.*

*Agradeço ao conceituado autor do livro a honra a mim concedida de pronunciar-me sobre o mesmo, numa hora em que o ecumenismo religioso, qual seqüela do paganismo babilónico, procura insidiosamente introduzir na Igreja ritos místicos para conspurcar sua pureza doutrinária.*

*Parabenizo o público leitor que por certo acolherá agradecido a feliz iniciativa do escritor Abraão de Almeida, assim como acolheu a sua obra anterior: ISRAEL, GOGUE E O ANTICRISTO.*

*Antônio Gilberto  
Diretor do Dep. de Escola Dominical da  
Casa Publicadora das Assembleias de Deus*

## APRESENTAÇÃO

A boa acolhida ao nosso artigo “Roma Cristianizou Dogmas Babilônicos”, publicado em diversos periódicos evangélicos (Brasil e Portugal), e a excelente aceitação da apostila sobre o mesmo assunto animou-nos a ampliar o trabalho para publicação em livro. O tema, embora já largamente explorado por escritores de várias épocas, poderá ir de encontro a costumes arraigados até mesmo no seio de algumas comunidades protestantes e ser por elas rejeitado. Não importa. Nosso objetivo é prevenir do perigo babilônico, hoje mais ameaçador por apresentar-se sob os disfarces da cooperação cristã, do modernismo cristão, do evangelho social e do ecumenismo e sincretismo religiosos. Por detrás destes modernos movimentos está o próprio “pai da mentira”, usando os mesmos expedientes com que substituiu por pagãos, a partir do início do quarto século, os fundamentos bíblicos de grande parte da cristandade, restando-lhe, de cristã, apenas o rótulo.

Esperamos, com este trabalho, levar o leitor a considerar mais seriamente as advertências de Jesus, atualíssimas em nossos dias: “Sai dela (de Babilônia) povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas.” “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.” (Ap 18.4; 2.29).

Abraão de Almeida

## INTRODUÇÃO: AS DUAS BABILÔNIAS

*O assunto tratado neste trabalho foi submetido ao julgamento de milhares de leitores através de diversos artigos publicados no Brasil (Mensageiro da Paz, A Seara, O Obreiro, Jornal Palavra da Vida) e em Portugal (Novas de Alegria). As inúmeras manifestações por mim recebidas ao longo dos últimos três anos recomendavam a publicação em livro de tais trabalhos. Uma delas dizia: “Este artigo é excelente, principalmente na época em que estamos vivendo, quando muitos dizem que somos iguais e que temos a mesma fé no mesmo Deus. Este número... será passado de mão em mão.” O leitor fazia referência aos ecumenistas modernos, cegos aos abismos que separam os cristãos verdadeiros dos falsos, conforme demonstrado em meu trabalho “Roma Cristianizou Dogmas Babilônicos” (Jornal Palavra da Vida, n° 57, 1977).*

*Neste breve prefácio convém salientar que a Bíblia fala de duas Babilônias: a cidade propriamente dita, capital da Caldéia, e a Babilônia espiritual, símbolo da confusão religiosa dos últimos tempos.*

*A primeira, que alcançou sua maior glória com Nabucodonosor, começou a decompor-se a partir de 522 a. C., quando, aproveitando-se de uma crise sucessória em Persépolis, a população se levantou contra o governo de Dario I. O filho deste Xerxes, obrigado, mais tarde, a sufocar revolta semelhante, usou de extrema brutalidade, ordenando inclusive a destruição da estátua de Marduk, o deus principal dos caldeus. Em 331 a.C., Alexandre, depois de conquistar a cidade, quis instalar nela a sede de seu*

*império, mas em 323 a.C., de volta da Índia, faleceu repentinamente no palácio de Nabucodonosor, e com ele se findaram as esperanças de Babilônia reerguer-se. Seleuco, a cujos domínios ficou pertencendo a cidade, preferiu construir uma nova capital para seu reino, Selúcia, abandonando assim o “ornamento dos reinos” á sua trágica sorte, até o cumprimento da profecia: “nunca jamais será habitada, ninguém morará nela de geração em geração”, Is 13.20.*

*Mas apesar desta sentença bíblica, em janeiro de 1975 dois jornais paulistas noticiaram a reconstrução de Babilônia: “serão reconstruídos os Jardins Suspensos, a Torre de Babel, o Templo de Baal (Bel), a Porta de Istar (Astarte ou Astarote) e outros monumentos. O projeto já está pronto e foi elaborado pelo Instituto Ítalo-Iraquiano de Bagdá. Uma verba inicial de 50 milhões de dólares já foi destinada ao projeto. As obras de construção começarão em outubro (1975). O levantamento do local foi feito com raios laser, para que tudo seja feito com exatidão e perfeição. Os tijolos da reconstrução serão revestidos com um material especial, contra a erosão, decomposição e os estragos dos ventos. A reconstrução cobre uma área de 50 quilômetros quadrados. O projeto vai seguir rigorosamente a arquitetura da época, e o ambiente em que viviam os babilônicos.”*

*Comentando esta notícia, escreveu Israel Carlos Biork (Jornal Palavra da Vida, nº 61, 1977): “Por que a reconstrução da Torre de Babel? É o símbolo da astrologia, do ocultismo e da rebelião. Por que a reconstrução do templo de Baal (Bel)? É o símbolo da idolatria (Jr 50.2; 51.44). Por que a restauração da Porta de Istar (Astarte ou Astarote)? É o símbolo da imoralidade e da depravação. Por que a restauração dos Jardins Suspensos? É o símbolo do orgulho e da*

*obra humana. Por que o Iraque e a Itália? Curioso! Muito curioso!”*

*Um pouco antes afirma o mesmo autor: “O alto crescimento do espiritismo, em suas várias formas, nos dias atuais, demonstra uma volta de todas as religiões ao babilonismo, e nunca ao catolicismo romano. Na verdade, o catolicismo romano está-se babilonizando. No Brasil, milhões de católicos são também espíritas. A religião de Babilônia era profunda e essencialmente espírita.”*

*A Bíblia refere-se aos babilônicos como a um povo idólatra: “porque é uma terra de imagens de escultura, e eles pelos seus ídolos andam enfurecidos”, Jr 50.38; aficionados da mágica: “em toda a sua força virão sobre ti, por causa da multidão das tuas feitiçarias, por causa da abundância dos teus muitos encantamentos”, Is 47.9; profanos e sacrílegos: “Havendo Belsazar provado o vinho, mandou trazer os vasos de ouro e de prata que Nabucodonosor, seu pai, tinha tirado do templo que estava em Jerusalém, e beberam por eles o rei, os seus grandes, suas mulheres e concubinas. Beberam o vinho, e deram louvores aos deuses de ouro, e de prata, de cobre, de ferro, de madeira e de pedra”, Dn 5.2-4; iníquos: “Porque confiaste na tua maldade e disseste: Ninguém me pode ver; a tua sabedoria e a tua ciência, isso te fez desviar, e disseste no teu coração: Eu sou, e fora de mim não há outra”, Is 47.10.*

*A segunda Babilônia, da qual a primeira era apenas um tipo, está descrita principalmente no capítulo 18 de Apocalipse: “Caiu, caiu a grande Babilônia, e se tornou morada de demônios, e coito de todo o espírito imundo, e coito de toda a ave imunda e aborrecível. Porque todas as nações beberam do vinho da ira da sua prostituição, e os reis da terra se*

*prostituíram com ela; e os mercadores da terra se enriqueceram com a abundância de suas delícias. ”*

*Ao proclamarem a absoluta ruína de Babilônia, enfatizando que a cidade nunca mais voltaria a existir, como de fato até hoje não foi restaurada, as profecias bíblicas não páram aí, mas dão a entender que a Babilônia mencionada no Apocalipse não é a nação e nem a cidade conhecidas pelos historiadores, tratando-se, destarte, de alguma combinação política e eclesiástica, da qual a Babilônia do Velho Testamento é apenas um tipo.*

*É dentro desse ponto de vista que desenvolvi os vários temas desta obra. Recorri, para tanto, aos testemunhos de historiadores insuspeitos e de renomados pesquisadores das profecias bíblicas e das origens dos dogmas católico romanos.*

*Alguns capítulos, como os que tratam da infalibilidade papal e do ecumenismo, mostram que, tanto dentro como fora dos arraiais romanistas, há muitos que não se deixam enganar pelos ardis diabólicos, e, ousadamente, denunciam as forças paganzadoras que ameaçam a fé cristã.*

*Rio, agosto de 1979*

*Abraão de Almeida*

# 1 A ORIGEM DO PAGANISMO

*“Deixa-te estar com os teus encantamentos, e com a multidão das tuas feitiçarias em que trabalhaste deste a tua mocidade, Is 47.12.*

Chamada na Bíblia de “ornamento e glória dos caldeus” e “cidade dourada” (1) Babilônia foi edificada no vale de Sinar, junto ao rio Eufrates. Ninrode, filho de Cus, estabeleceu nela o seu reinado depois de libertá-la do poder dos elamitas. “Este começou a ser poderoso na terra. E este foi poderoso caçador diante da face do Senhor, pelo que diz: como Ninrode, poderoso caçador diante do Senhor. E o princípio do seu reino foi Babel...”(2). Babel é a forma grega de Babilônia e significa Porta de Deus, título que se apropria por haver influenciado poderosamente o desenvolvimento da religião pagã no mundo antigo durante dezessete séculos. A famosa torre de Babel, cujos restos a Arqueologia tem desenterrado nas cercanias da cidade propriamente dita, ficou como símbolo da confusão religiosa, da rebelião contra Deus e do orgulho humano: “e façamo-nos um nome”. A memória de Ninrode, perpetuada na gravura e na escultura, “embelezou-se pela lenda que o transformou em divindade, a quem as gerações futuras dirigiam súplicas.”(3)

Babilônia conheceu duas fases de grande progresso. A primeira, cerca de 2.000 anos antes de Cristo, nos dias de Abraão, sob o reinado de Hamurabi - o Anrafel da Bíblia (4) - e o segundo período, de 608 até a morte de Alexandre, o grande, em 323 A.C., sob Nabucodonozor, Ciro, Dario etc. À cidade deste último período de florescimento aplicam-se as palavras de Isaías. Era então a maior e a mais moderna metrópole daquele tempo, ocupando uma área de 576 quilômetros quadrados, com 96 de perímetro, ou seja, 24 de cada lado. Muitas ruas, de 45 metros de largura por 24 km de comprimento, dividiam luxuosos quarteirões com exuberantes jardins e suntuosas residências, magníficos palácios e gigantescos templos. Um destes templos, dedicado a Belo, media cinco quilômetros de circunferência, e um dos palácios reais ocupava uma área superior a 12 quilômetros quadrados.

A “cidade dourada” era rodeada de uma muralha de 108 metros de altura por 25 de largura, equivalente a uma rodovia com seis pistas! Possuía uma imagem avaliada hoje em mais de 30 milhões de dólares (aproximadamente 700 milhões de cruzeiros ao câmbio de 1979) e objetos diversos dedicados aos ídolos calculados em 200 milhões de dólares. Oliveira Lima afirma que “as construções babilônicas, que presentemente são meros montões de ruínas, eram levantadas sobre consideráveis aterros exigidos pela natureza do solo encharcado e que ao mesmo tempo asseguravam melhor defesa e emprestavam maior imponência àqueles templos e palácios, que assim se erguiam treze metros ou mais acima do nível da planície, por entre aglomerações, de casas de taipa, numa extensão tão grande que Babilônia cobria cinco vezes a superfície de Londres.”<sup>(5)</sup>

### **O MISTÉRIO DA INJUSTIÇA**

Eis aí um pálido retrato daquela cidade considerada a soberba dos caldeus, tanto por sua própria grandiosidade e estratégica posição geográfica, como pela grande fertilidade de seu solo e pela glória de se haver iniciado em quase todos os ramos da ciência, de quem foram aprendizes e continuadores os gregos.

A Bíblia previa a queda de Babilônia, e embora esta parecesse destinada a uma existência eterna, caiu. O rei da Pérsia, em 538 A.C., lançando mão de sua eficiente engenharia, desviou o curso do Eufrates que passava tranquilo sob os magníficos muros e, servindo-se do leito desse rio, entrou na cidade enquanto esta se achava entregue à mais nefanda orgia, na mesma noite em que a mão de Deus escreveu na parede e Daniel decifrou o fim de Belsazar e seu império.

Em todas as profecias acerca de Babilônia, se pode contar mais de uma centena de particularidades.

E todas foram rigorosamente cumpridas. Isaías previu que Babilônia nunca mais seria habitada e que nem o árabe armaria ali a sua tenda. “E a Caldéia servirá de presa; todos os que a saquearem ficarão fartos... abri os seus celeiros... rica em tesouros...”  
(<sup>6</sup>)

Nenhuma cidade foi tantas vezes saqueada como Babilônia, juntamente com outras regiões da Caldéia. Xerxes, Alexandre, partos e romanos, num período abrangendo quase uma dezena de séculos, levaram de Babilônia e adjacências, riquezas fabulosas, além de suas próprias expectativas, e até hoje essas ruínas guardam ainda enormes tesouros!

Foi em Babilônia, após o dilúvio, que a mesma atitude de negação de Deus se manifestou, particularmente através de Ninrode e Semíramis. Era o mistério da injustiça, referido pelo apóstolo Paulo, mais uma vez operando desde a expulsão de Adão e Eva do Éden. O objetivo era a organização de uma igreja falsa, estruturada dentro de um sistema religioso no qual fosse adorada uma falsa trindade. Dentro dessa organização o próprio Satanás estava (e está) preparando o mundo para a sua manifestação futura, quando reinará por um pouco de tempo sob a forma do Anticristo. O princípio é a glorificação do ser humano, divinizador de reis e imperadores, o culto à personalidade. Somente dentro de tal sistema compreende-se a deificação dos césores e dos grandes homens, aos quais se erigiam templos e em sua honra se ofereciam sacrifícios e libações.

## **SACRIFÍCIOS HUMANOS**

Enquanto mantinha amizade e comunhão com o Criador, o ser humano não conhecia outro deus. Mas veio a queda e a separação entre Deus e o homem. E

este, longe de Deus e não sabendo como encontrá-lo, voltou-se para as forças vivas da natureza e divinizou-as. O sexo, por ser um meio de reprodução da vida, desempenhou importantíssimo papel religioso, particularmente em Babilônia. A liturgia nada mais era do que a descrição de relações sexuais entre os deuses, mediante as quais, segundo os babilônios, todas as coisas vieram à existência.

Dentro do sistema babilônio, o sol, a lua, os demais astros e a chuva recebiam culto. Também os fundadores de cidades foram por estas divinizados, como Assur, pai dos assírios, e Ninrode, de Babilônia. Para que os deuses parecessem reais, faziam-lhes imagens que os representassem, vindo depois as próprias imagens a serem adoradas como deuses. É o que registrou Paulo aos romanos: “E mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis” (7). Deste modo o homem precipitou-se do monoteísmo original num abismo de inumeráveis cultos idólatras politeísticos, alguns deles indescritivelmente vis e abomináveis, como a prática nefanda de queimar vivos inocentes bebês.

“O Instituto Oriental, escavando em Megido, que fica perto de Samaria, encontrou, na camada do templo de Acabe, as ruínas de um templo de Astorete, deusa-esposa de Baal. Os templos dos dois comumente não eram muito afastados. A poucos passos desse templo de Astorete havia um cemitério, onde se acharam muitos jarros contendo despojos de crianças sacrificadas no dito templo. Vale isso como amostra do que era o culto de Baal. Os profetas de Baal e de Astorete eram assassinos oficiais de criancinhas. Isso esclarece a razão da matança deles por Elias, e ajuda-nos a compreender por que Jeú se mostrou impiedoso no extermínio do Baalismo.” (8)

Todavia, a prática dos sacrifícios de crianças não é tão remota como poderia parecer à primeira vista. Os missionários cristãos dos tempos modernos depararam-se com tais cenas em muitos países onde o Evangelho de Cristo era desconhecido. Na Polinésia, por exemplo, encontraram-se pais que haviam sacrificado cinco, sete, dez e até dezenove de seus filhos aos ídolos pagãos. As próprias mães cuidavam do sacrifício de seus filhos recém-nascidos. No ritual diabólico os pobres e inocentes bebês morriam de muitas maneiras: enterrados vivos, afogados com pano molhado ou mediante a quebra de todas as articulações, uma a uma, começando pelos dedos das mãos, depois dos pés, em seguida os braços, as pernas etc. Se com todas estas torturas não morriam, eram então sufocados. Era uma morte lenta, cheia de requintes de uma perversidade inominável, tendo por carrascas as próprias mães, que a isso tudo chamavam de um heroísmo santo!

---

(<sup>1</sup>) Isaías 13.19; 14.4.

(<sup>2</sup>) Gênesis 10.8-10.

(<sup>3</sup>) Gênesis 11.4; John D. Davis, Dicionário da Bíblia, Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 1965, pág. 421.

(<sup>4</sup>) Gênesis 14.1.

(<sup>5</sup>) Oliveira Lima, HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO, Melhoramentos, São Paulo, 1919, pág. 34.

(<sup>6</sup>) Isaías 13.20; Jeremias 50.10,26; 51.13.

(<sup>7</sup>) Romanos 1.23.

(<sup>8</sup>) H.H.Halley, MANUAL BÍBLICO, Livraria Editora Evangélica, São Luís, MA, 1963, pág. 93.

# 2

## NINRODE, SEMÍRAMIS E TAMMUZ

*“Os filhos apanham a lenha, e os pais acendem o fogo, e as mulheres amassam a farinha, para fazerem bolos d rainha dos céus,” Jr 7.18.*

Um poema babilônico escrito provavelmente no oitavo século antes de Cristo, mas referindo-se a uma época muito anterior, cujas pranchetas foram desenterradas por arqueólogos, dão uma idéia da origem e evolução da religião pagã. Segundo o documento, no princípio existia um caos aquoso, de onde surgiram os deuses, representando a ordem que dimana do caos. Um desentendimento entre esses deuses leva Marduque, deus babilônico por excelência, a consentir em travar batalha, com a condição de ser elevado acima de todos os outros. Ele se arma para a luta, colocando um relâmpago sobre a face e vestindo-se de uma chama ardente. Tece uma rede para com ela aprisionar o monstro Tiamat, e toma os quatro ventos para que nada lhe escape. Transportado por um furacão, aproxima-se de Tiamat, lança-lhe uma tempestade e depois atravessa o com uma lança. Com a metade do corpo do monstro Marduque cobre o céu e, para lá manter as águas aprisionadas, coloca um ferrolho e um guarda. Seria este o firmamento das águas superiores. Em seguida coloca no céu as estrelas, os planetas, a lua e o sol. E com a outra metade do corpo de Tiamat forma a terra, que recobre o mundo subterrâneo. Finalmente, o vitorioso deus babilônico forma os homens com sangue, talvez mesmo com o seu próprio sangue.

A finalidade precípua desse poema, que hoje soa de maneira tão primária e tola aos nossos ouvidos, é colocar Marduque acima de todas as outras divindades, criando assim a Hegemonia universal em proveito de Babilônia. E de fato esse falso deus recebeu um culto especial em todo o mundo antigo, na qualidade de **dono e senhor**, como aliás é o significado do seu nome mais popular: Baal. Vários autores de obras de demonografia designaram-no como potência infernal e general-chefe das hostes malignas. Babilônios e Caldeus o

adoraram como deus supremo e a ele chegaram a oferecer sacrifícios humanos, particularmente de crianças. Frequentemente os seus adoradores da Ásia faziam dele representação mítica do sol. Era também considerado como o deus fertilizador da terra por meio de suas fontes e possuía imagens em cada região cultivada. A ele pagavam-se tributo, como **dono** divino. Em Israel, o Baal introduzido por Acabe, nos dias do profeta Elias, foi o Melkart, da cidade fenícia de Tiro.

Marduque, Melkart, Kemosh (deus de Moabe) seriam apenas algumas das várias representações pagãs de Ninrode. Afirma-se que o centauro, deus grego - um cavalo com uma cabeça de homem e com uma arca na mão - era adorado em memória de Ninrode, que foi o primeiro caçador e o primeiro homem a usar o cavalo para a caça e a guerra. O famoso rei de Babilônia, segundo a religião desta ímpia cidade, casou-se com Semíramis, a mesma As tarte, Astorete, Ísis, Istar, Afrodite, Vênus, Diana etc.<sup>(1)</sup> A imagem desta última, em Éfeso, com sua coroa de torres na cabeça, representava a mesma mulher e era adorada como a deusa da fortificação, por ter sido ela a primeira a fortificar Babilônia com muros e torres.

“Astarte é a Istar de Babilônia, a deusa da estrela matutina, a Vênus da guerra e do amor. Deusa do amor, Astarte patrocinava a volúpia e a fecundidade. Foi dotada de uma personalidade tão rica que muitas outras deusas acabaram fundindo-se nela, de tal modo que pode a Bíblia falar de Astartes no plural para designar todas as divindades femininas locais. Contudo, a Escritura não desconhece que Astarte foi a deusa-tipo, a rainha do céu, exercendo em todos os tempos seu poder sedutor sobre o temperamento feminino.”<sup>(2)</sup> Na Bíblia, ela é citada em diversas passagens.<sup>(3)</sup>

No governo de Dario, a Pérsia possuía Ahura - Mazda como a divindade suprema, em honra da qual construíram-se

grandes templos, “o que não impedia que existissem vários outros deuses, como o famigerado Baal, que estava sempre a reclamar sacrifícios humanos, o deus Tammuz, a deusa Ishtar, Asthorat ou Astarte - deusa da lua, cuja imagem era ornamentada diariamente com joias e vestidos novos, sempre brancos e transparentes. A deusa possuía uma corte de virgens, que, entretanto, segundo os melhores autores, eram muito pouco virgens... No templo da deusa realizavam-se festins orgíacos em que os sentidos eram satisfeitos das formas mais estranhas. Na verdade, os templos dos deuses persas, especialmente em Babilônia, foram autênticos prostíbulo”. (4)

Mais adiante o mesmo autor afirma: “Mas Dario não pôde impedir que os persas continuassem os costumes de Babilônia, principalmente os costumes dissolutos da Babel da Bíblia, que contaminava quantos com ela se relacionavam, que contaminava os seus vencedores, como os persas...” E cita o historiador Otto Neubert: “Os costumes depravados de Babilônia não encontraram iguais, não se tornaram tradicionais em nenhum outro povo.” Falando dos Fenícios - ancestrais dos atuais libaneses - registrou Sérgio D. T. Macedo na obra referida: “Todavia, povo tão adiantado e tão viajado, que realizou verdadeira permuta ou intercâmbio de culturas e conhecimentos, deu-se à mais desenfreada idolatria. Um dos seus mais curiosos deuses era Molock, feroz, sanguinário, que exigia pesados sacrifícios, inclusive de seres humanos, especialmente crianças. Sabe-se que, certa feita, cem meninos foram imolados a Molock que nem por isso se mostrou mais indulgente para com os fenícios, que acabaram destruídos. Também a babilônica deusa Istar, que presidia à fecundidade, foi adotada por esse povo que preparava os seus mortos para a eternidade, tal qual os egípcios, pois escavações realizadas em Gebal, em 1923, revelaram belos sarcófagos e algumas múmias.”

Parece incrível, mas o “strip-tease” moderno tem sua

origem diretamente em Babilônia, cujo culto à principal deusa era uma “magia erótica, de caráter empírico, paródia de um rito babilônico: a deusa Istar se despindo. Esse rito desenvolveu-se sob a forma de um strip-tease, em certos templos da Babilônia, mas com um valor sacro: representava a visita da deusa aos infernos. À medida que descia os círculos desse, ia despindo suas vestes. Este rito dançado simbolizava o amor, liberto gradativamente de suas aparências (amor falso, amor narcisista) e seus artificios, para explodir no ser total, nu e puro... Muitas destas sacerdotisas chegam ao espasmo, durante a ‘cerimônia’. Estes espasmos que explodem no fluído erótico localizam-se em diversos pontos do corpo...” (5)

### **TAMMUZ “O DEUS QUE MORRE E RESSUSCITA”**

Da união Ninrode-Semíramis, nasceu Tammuz, mas com um detalhe significativo: a deusa permanecera “virgem”. Aqui está, talvez, a primeira tentativa satânica de dar um falso cumprimento à profecia bíblica relativa ao nascimento de Jesus de uma virgem. (6), anunciada uns setecentos anos antes de Cristo. Na Bíblia do padre Mattos Soares, traduzida da Vulgata Latina, registrou-se a versão grega de Tammuz, que é Adonis.

Tammuz é o tipo do deus que morre e ressuscita, personificando as forças vivas da natureza. Morre com os calores estivais e ressuscita com a primavera. Era conhecido em Sumer, segundo alguns, cerca de três mil anos antes de Cristo, mas consta, todavia, como filho do casal fundador de Babilônia, logo após o dilúvio. Penetrou posteriormente em outras nações e até mesmo no recinto do templo em Jerusalém: “E levou-me à entrada da porta do templo, que se acha no lado do setentrião, e eis aí as mulheres sentadas, chorando a Tammuz. Ele me disse: ‘Viste, filho do homem? Verás abominações ainda maiores do que essas.’ E levou-me ao átrio interior da casa do Senhor, e eis que à entrada do santuário do

Senhor, entre o vestibulo e o altar, achavam-se uns vinte e cinco varões, com as costas voltadas para o santuário do Senhor, e o rosto voltado para o oriente, os quais se prostravam para o oriente. E disse-me: ‘Viste, filho do homem? Porventura será coisa de somenos para a casa de Judá perpetrar as abominações que são cometidas neste lugar, que encheram o país de violências e voltaram a irritar-me? Eis que levam o pânpano no nariz! Pois também eu agirei com furor! Não se compadecerão os meus olhos, nem me condoerei; estrondear-me-ão de novo os ouvidos com fortes gritos, mas não os escutarei.’”(7)

Comentando este texto, o pontifício Instituto Bíblico de Roma afirma: “Parece que os vinte e cinco eram representantes das vinte e quatro classes sacerdotais, juntando-se o sumo sacerdote, ainda que o caráter sacerdotal deles não seja expressamente indicado. Aqueles que deviam honrar o único Senhor, dão-lhe as costas no santuário para se voltarem para o **oriente** a fim de adorar o sol, uma das divindades principais dos babilônios. Fora restaurado o seu culto abolido por Josias (cf. 2 Rs 23.11)... **Levam o pânpano no nariz:** tradução comum, ainda incerta, segundo a qual o texto aludiria ao rito usado no culto solar dos persas, de levar diante da boca um pequeno molho de ervas sagradas para não contaminar com a impureza do hálito a atmosfera do sol nascente. Com mais probabilidade, é uma alusão ao rito de levar ao nariz uma raiz desconhecida, símbolo de vida, como para lhe aspirar a virtude mágica, rito expresso na literatura e nos monumentos do antigo Oriente. Observe-se que Ezequiel descreve como representados em Jerusalém não só os cultos assiro-babilônicos, mas também os cultos dos povos mais disparatados e mais distantes.”

---

(1) Gênesis 10.7,8

- (<sup>2</sup>) Jean-Jacques Von Allmen, Vocabulário Bíblico, ASTE, São Paulo, pág. 73.
- (<sup>3</sup>) Isaías 47; Juizes 2.13; 10.6; I Samuel 7.3,4; 12.10; 31.10; II Reis 23.13
- (<sup>4</sup>) Sérgio D. T. Macedo, A História do Mundo, pág. 41.
- (<sup>5</sup>) Dicionário do Fantástico, PLANETA ESPECIAL; Editora Três, pág. 107.
- (<sup>6</sup>) Isaías 7.14.
- (<sup>7</sup>) Ezequiel 8.14-18.

3

# ALGUMAS DOUTRINAS PAGÃS

*“E levou-me à entrada da porta da casa do  
Senhor, que está da banda do norte, e eis que  
estavam ali mulheres assentadas, chorando por  
Tammuz,” Ez 8.14*

Semíramis, esposa de Ninrode, era filha da deusa-peixe Derceto e de um jovem sírio. Após o trágico assassinato de seu marido, a “virgem” Semíramis deu à luz à Tammuz, em quem, segundo ela, seu esposo havia reencarnado. Desses ensinamentos procede o culto da **virgem-mãe** e do **menino-deus**. Semíramis proclamou que o marido era divino e que ela era a **esposa de Deus**, a **rainha do céu** e que, sendo o seu filho estimado o próprio pai reencarnado, era ela a **mãe de Deus!** E mais: disse que seu filho Tammuz foi destinado a ser o libertador da Humanidade do jugo tirânico do Criador.

A arqueologia moderna descobriu nas ruínas de Babilônia as mais antigas imagens do culto pagão, algumas delas de dois mil anos antes de Cristo: a mãe com um menino ao regaço. No Tibet e na China ainda hoje se encontram imagens a ídolos representando a **mãe e o filho, que eram adorados séculos antes da era cristã**. Estas imagens têm uma perfeita semelhança com as adoradas na Igreja Romana. Os antepassados romanos adoraram, entre outros deuses, a virgem e o filho na forma de **Vênus** e Cupido.

Nas notas de sua tradução da Bíblia Sagrada, Sábado Dinotos vê em Tamar <sup>(1)</sup> a origem de Semíramis. Ele afirma que Sêmele (Tamar, no hebraico) declina de Meri, que é amora ou tamarindo, raiz do grego Muriki. Este nome era Tomyris para os Massagetas, e para os assírios Semíramis.

“A lenda tebana fazia-a mãe de Baco, quando, em realidade, foi amante e nora. Era, outrossim, chamada a Mãe Terra pelos povos do Turquestão russo... Num relevo de Ara Pacis ela aparece com seus dois gêmeos ao colo, que foram Perseu e Orion.” <sup>(2)</sup> Em artigo assinado numa importante revista portuguesa, E. W. Moser afirma que “o jejum anual e as festas inauguradas pelos fundadores de Babilônia foram os seguintes: Quaresma, Páscoa, Natal

etc. Estas estações do ano eram observadas séculos antes de Cristo, embora sob outros nomes e foram mais tarde adotadas pela Igreja Romana, depois pelas igrejas protestantes. O Natal era celebrado em honra do nascimento do filho de Semíramis e muitos dos costumes praticados por nós neste dia seguem em linha direta aos dias de Babilônia. Páscoa (em inglês: Easter), era uma festa em honra da deusa Istar; a sexta-feira da paixão, era o dia de lamentação e choro pela morte do filho, que diziam ter sido martirizado. Foram os mesmos ídólatras que ‘choraram por Tammuz’, uma das grandes abominações cometidas pelas mulheres judaicas nos dias de Ezequiel. O dia da nossa senhora, em 25 de março, era celebrado em honra do nas cimento de Semíramis, e o dia 8 de setembro em memória da sua assunção. Todo o sistema religioso do nosso tempo, bem como a religião do Tibet são praticamente o mesmo como o antigo sistema babilônico. O sacerdócio, o celibato, a vestimenta dos frades e freiras, os mosteiros e conventos, a confissão auricular, a missa, o purgatório, tudo foi instituído em Babilônia por essa mulher.

O povo comum de Babilônia era feito membro desta igreja prostituída e admitido como herdeiro do céu pelo batismo na sua infância, e essa falsa doutrina acerca do novo nascimento por intermédio do batismo passou depois às igrejas chamadas cristãs, mas apóstatas. Mais tarde, e pela confirmação, essas crianças eram iniciadas nos mistérios da religião babilônica, e cada candidato comia parte dum bolo e jurava fidelidade à Rainha do Céu.” (3)

### **ANALOGIAS COM O ROMANISMO**

Vários pesquisadores das religiões antigas foram surpreendidos pelas flagrantes semelhanças existentes entre aquelas práticas e as que hoje se observam

no catolicismo romano. Dão como exemplo os conventos e as monjas existentes muitos séculos antes de Cristo, em Babilônia, no Tibet, na Índia e no Japão. As sacerdotisas de Freya, na Escandinávia, faziam voto de virgindade perpétua e viviam como monjas. Em Roma, a deusa Vesta, chamada de Virgem Imaculada, possuía suas sacerdotisas, que também faziam voto de virgindade perpétua, mas que eram, na realidade, muito pouco virgens...

No Peru, durante o famoso Império dos Incas, idêntico costume prevalecia com as **santas virgens**. Prescott refere-se a estas monjas: “Outra singular analogia com as instituições católicas romanas podemos ver nas **Virgens do Sol**, conhecidas pelo nome de **eleitas**. Eram donzelas dedicadas ao serviço das deidades, as quais, desde a infância, se separavam de suas famílias e se introduziam em conventos, onde eram colocadas sob os cuidados de velhas matronas, chamadas - **mamáconas**. Era seu dever guardar o fogo sagrado na festa **Raymi**. Ao entrar para o convento, as recolhidas eram obrigadas a uma rigorosa clausura, chegando a ser privadas de toda e qualquer comunicação, mesmo com as pessoas de sua família. A desgraçada que fosse surpreendida na inobservância dessa disciplina, segundo a lei dos Incas, deveria ser queimada viva. É maravilhosa a íntima semelhança que existe entre as instituições do índio americano, do antigo povo romano e do moderno Romanismo”. (4)

O uso das chaves pela Igreja Romana como meio de conceder as indulgências segundo definição do Concílio de Trento, está intimamente ligado ao paganismo, pois a chave era o emblema de duas bem conhecidas divindades da mitologia romana. “Jano tinha na mão uma chave, assim como Cibele. (Vejam-se os Fastos de Ovídio, vol. 3º, pág. 346. Op. Leyden, 1664.) São estas as chaves que formam o braço pontifício e a insígnia

da sua autoridade espiritual. Assim como a estátua de Júpiter é agora adorada em Roma como a verdadeira imagem de S. Pedro, assim se tem crido que as chaves de Jano e Cibele representam as chaves do mesmo apóstolo.”  
(<sup>5</sup>)

Ainda segundo as doutrinas pagãs, Tammuz foi morto por um javali, e por isso se observavam quarenta dias de jejum e pranto (quaresma), até à festa de Istar (páscoa). Findando a quaresma, Tammuz “ressuscitou” e esta “ressureição” passou a ser comemorada com frangos, ovos e coelhos. Em homenagem à Rainha do Céu faziam-se bolos com um “T”, de Tammuz. Desta antiga prática vieram as hóstias.

O politeísmo babilônico, caracterizado pelo culto de demônios e deuses-animais, era cheio de mistérios. “As grandes orações têm sido sempre o traço distintivo das grandes religiões, mas na Babilônia e na Assíria a prece, em sua maior parte, mal transpôs o encantamento e a adivinhação. Quando as coisas iam mal, a encantação era utilizada para remendá-las. Se havia temor da aproximação do mal, recorria-se às artes divinatórias a fim de afastá-lo. Nenhuma outra religião revelou tão grande desenvolvimento das artes divinatórias. Acreditava-se na predição de quase tudo, mediante o exame do volume, da forma, das marcas e peculiaridades do fígado de um animal sacrificado, pois havia a certeza de que nesta víscera se localizavam a inteligência e as emoções... A astrologia adquiriu tal desenvolvimento, ao ponto de criar a idéia popular de contribuir aquela prática para a principal feição da religião...” (<sup>6</sup>)

---

(<sup>1</sup>) Gênesis 38.6.

(<sup>2</sup>) Sábado Dinotos, notas a tradução da Bíblia Sagrada, São Paulo, 1964, pág. 60.

(<sup>3</sup>) Novas de Alegria, fevereiro de 1948 (Lisboa, Portugal).

(<sup>4</sup>) Cit. por Álvaro Reis em Mimetismo Católico, Rio de Janeiro, 1909, pág. 246.

(<sup>5</sup>) Padre Guilherme Dias, nota em A Confissão Ensaio Dogmático-Histórico, por L. de Sanctis, Lisboa, 1894, pág. 9.

(<sup>6</sup>) Charles Francis Potter, História das Religiões, Edigraf Ltda., São Paulo, 1944, Vol. II, pág. 576.

# 4 NO RASTRO DE BABILÔNIA

*“Porque todas as nações beberam do vinho da ira da sua prostituição, e os reis da terra se prostituíram com ela,” Ap 18.3.*

Em 487 A.C., quando Xerxes tomou Babilônia, a hierarquia religiosa teria fugido para Pérgamo, na Ásia Menor, onde, segundo a Bíblia, estabeleceu-se “o trono de Satanás”.<sup>(1)</sup> De Pérgamo, Atallus, em 133 A.C., rei de Pérgamo e Supremo Pontífice da Ordem Babilônica, legou como herança, por lei, toda a sua autoridade e domínio à hierarquia babilônica de Roma, e assim os Césares tomaram-se pontífices máximos e soberanos pontífices dessa organização idólatra e ostentaram tais títulos, com todas as suas cerimônias, ritos e dignidades, mesmo depois de nominalmente convertidos ao cristianismo. O primeiro imperador romano a receber a autoridade foi Júlio César, eleito Pontífice em 74 A.C. e promovido a Supremo Pontífice em 63 A.C. De Júlio César até Graciano todos os imperadores exerceram a autoridade babilônica, porém este último, em 376 A.D., achou que não ficava bem a um cristão ser pontífice da ímpia e idólatra Babilônia, e renunciou ao título. “Não havia então nenhum tribunal onde os pagãos pudessem ser julgados, e seguiu-se a confusão; então a autoridade de Babilônia foi outorgada ou colocada sobre o Bispo de Roma, Dâmaso (no ano 378 A.D.) como Supremo Pontífice ou Pontífice Máximo. Assim, **o poder Papal realmente vem da Babilônia - do diabo.**”<sup>(2)</sup>

### COMEÇA A PAGANIZAÇÃO

O caminho para a paganização do cristianismo romano estava assim aberto e foi inaugurado em 381 com a decretação da adoração de Maria (mariolatria), inspirada nos mistérios babilônicos. Acompanhando esta heresia, várias outras novidades foram admitidas no seio da igreja. Em 519, o papa decretou a observância da Páscoa e da Quaresma, que eram, como vimos, feriados idólatras babilônicos.

O papa Silvestre, falecido em 335, tirou dos sacerdotes pagãos a mitra, que aparece nos mais remotos

monumentos assírios e egípcios e era usada como símbolo de autoridade pelos egípcios, assírios, indus e medos, sendo que na Pérsia era usada pelas autoridades eclesiásticas. O vermelho da túnica dos cardeais corresponde à púrpura dos senadores romanos. São Domingos, no século XIII, introduz a reza do rosário. No século XI aparece a Ave-Maria, juntamente com o padre-nosso, e a partir de 1326 tornou-se reza comum entre todos os católicos.

Um escritor paulista apresenta o seguinte quadro cronológico das inovações na Igreja de Roma: “Em 129, Alexandre I, bispo de Roma, autoriza a que se acrescente água ao vinho da Santa Ceia que se realiza no culto (na missa). Em 140, Telésforo, bispo de Roma, institui o ‘jejum quaresmal’. Em 160, inicia-se o costume de ‘orar pelos mortos’. Em 257, Estêvão I, bispo de Roma, introduz o uso da vestimenta sacerdotal e manda guarnecer os altares com toalhas. Em 300, o imperador Constantino ordena a ornamentação das igrejas. Em 325, o primeiro Concílio de Nicéia afirma a primazia da Diocese de Roma e institui a ‘lei do celibato sacerdotal’.”<sup>(3)</sup>

### **NATAL: NASCIMENTO DO SOL?**

Até mesmo em relação ao Natal de Cristo o romanismo babilonizou-se. A árvore preferida por Tammuz era o pinheiro e a data do nascimento de Jesus, como sendo em 25 de dezembro, é rejeitada por muitos especialistas em história e cronologia bíblicas. Segundo algumas autoridades no assunto, a origem da árvore de Natal está na Bíblia: “Porque os costumes dos povos são vaidade; pois cortam do bosque um madeiro, obra das mãos do artífice, com machado. Com prata e com ouro o enfeitam, com pregos e com martelos o firmam, para que não se mova.” <sup>(4)</sup>

Embora seja de importância capital por marcar o início da Era Cristã, a data do nascimento de Jesus ainda não foi satisfatoriamente definida. Nos primeiros séculos, era

comemorada a 6 de janeiro, ora a 25 de março e em alguns lugares a 25 de dezembro. “O dia 25 de dezembro aparece pela primeira vez no calendário de Philocalus (354). No ano 245, o teólogo Orígenes repudiava a ideia de se festejar o nascimento de Cristo ‘como se fosse ele um faraó’. A data atual foi fixada no ano 440, a fim de CRISTIANIZAR GRANDES FESTAS PAGÃS REALIZADAS NESTE DIA: a festa mitraica (religião persa que rivalizava com o Cristianismo, nos primeiros séculos), que celebrava o natalis invicti Solis (Nascimento do Vitorioso Sol) e várias outras festividades decorrentes do solstício do inverno, como a **Saturnália** em Roma e os cultos solares entre os celtas e os germânicos.”<sup>(5)</sup>

Argumentam os entendidos que o nascimento de Jesus teria ocorrido provavelmente entre a segunda metade de março e primeira de abril, quando é verão na Palestina, e não em dezembro, época em que o forte frio desaconselharia a iniciativa imperial de realizar o alistamento. O fato de os pastores estarem no campo na noite do Natal encontra uma explicação lógica: devido ao intenso calor, os rebanhos permaneciam no curral durante o dia, à sombra, e eram então apascentados à noite.

### **O EXEMPLO DO TIBET**

Além das inovações apontadas, o catolicismo romano adotou “o Sinal da Cruz (o T ou Tau foi usado pelos caldeus e egípcios nos mistérios babilônicos), o Celibato, a Tonsura, Monges e Freiras (antigamente as virgens vestais de Roma), todos da idolatria babilônica, foram assim adotados e decretados para os cristãos sob o regime de Roma. O fragmento japonês da idolatria babilônica é conhecido como Shintoísmo. Note que há 15 pontos em que o Shintoísmo, o Catolicismo Romano e o Babilonianismo são idênticos: adoração de imagens, línguas mortas nos rituais, velas e incenso, missas pelos mortos, rosário de contas, vãs repetições na oração, celibato dos clérigos, freiras,

adoração de relíquias, sistemas de mérito pelas penitências, cúrias sacerdotais, procissões, adoração de santos, adoração de flores, mariolatria com sua correspondente no Shintoísmo na adoração de Kwanyian, deusa da graça.

‘O Tibete possui a mais pura forma de idolatria babilônica. Com a queda da Babilônia, os seus soldados levaram a sua idolatria ao Tibete. Visitantes modernos surpreenderam-se de que embora nenhum missionário fosse permitido, em toda a história do Tibete, ainda assim eles têm água benta, incenso, adoração de uma virgem e um menino, monges, freiras, mosteiros, vestimentas clericais exatamente iguais às católico-romanas.’ (6)

### HARE KRISHNA

Mas há uma importante doutrina babilônica ainda não aceita pelo romanismo. É a de um deus casado, hoje difundida em todo o mundo através do movimento Hare Krishna, possuidor de alguns centros no Brasil. Segundo o seu **credo**, a consorte eterna de Krishna é Srimatí Radharani, a potência de prazer de Krishna. Ele é o reservatório de todo o prazer e ela a potência dele mesmo, dentro dele. Dentre os livros sagrados dessa religião pagã, o Bhagavad-gita, dos vedas, registra, segundo seus adeptos, as palavras de Deus, faladas por ele. Evidentemente, o paganismo babilônico, no seu afã de confundir os povos e imitar a religião verdadeira, não poderia prescindir de uma falsa bíblia, para eles a própria palavra de Krishna - deus onisciente, onipotente, todo-poderoso, todo atrativo, o pai que dá a semente de todas as coisas vivas e a energia sustentadora de toda a criação.

Diversos incidentes têm havido entre os dirigentes da Associação Hare-Krishna e a polícia, na maioria das vezes

procedentes de queixas apresentadas por pais cujos filhos abandonaram o lar e a família e os trocaram pela comunidade da “consciência de Krishna”. Registraram-se, também, nos departamentos policiais de todo o mundo, graves acusações de ex-adeptos da seita contra seus sacerdotes, como as apresentadas pela jovem Susana Murphy, de 18 anos, dos Estados Unidos, que desertou do movimento e acusou-o de práticas desumanas e hostis às mulheres: “O templo de Boston dá às mulheres os restos de comida dos homens. As mulheres são alimentadas como cachorros”. No Rio de Janeiro, o estudante Mauro Antonio Guerra, ex-Krishna convertido ao Evangelho, afirmou em seu testemunho que os monges induzem seus discípulos a deixarem os pais e todos os não seguidores daquela religião hindu.

A Associação Internacional para a Consciência da Krishna, criada pelo Swami Bhaktivedanta Prabhupad (falecido em 1978, em Mathura, Índia, aos 88 anos), foi estabelecida no ocidente em 1966 pelo seu próprio fundador, descendente de uma linhagem de religiosos indianos. Não fosse a violenta reação que causou em todo o mundo, a “Associação” dificilmente se teria distinguido dentre os inúmeros movimentos orientalistas. Seus discípulos são instruídos na sabedoria védica e envolvidos na abundante mitologia do hinduísmo. Krishna, o deus supremo do movimento, aparece na farta literatura da “Associação” ao lado de sua esposa, a “consorte eterna”. Acreditam na reencarnação e ensinam que os animais, mesmo os insetos mais desprezíveis, possuem alma imortal como os seres humanos.

A fim de melhor conhecerem a sua divindade, os iniciados praticam a ascese, que é um costume pagão importado de Babilônia, e passam por um verdadeiro processo de lavagem cerebral. O devoto não come carne, peixe e ovos; não toma chá, café, álcool, não fuma, não toma

droga, não joga e não mantém relações sexuais fora do casamento. Na busca da “pureza física e mental”, cantam interminavelmente o **mantra**, ao som de pequenos tambores, repetindo milhares de vezes por dia: “Hare-Krishna”, “Haíe-Krishna”...

Tudo, na seita, faz parte de um terrível processo de despersonalização do ser humano, que fica assim reduzido a uma “máquina de rezar” ou a um “robô de **mantras**”. Os adeptos assim “renascidos” adotam um outro nome (geralmente hindu) ao batizar-se, e renegam os próprios pais, parentes e amigos mais chegados, considerando-os simplesmente como mortos ou inexistentes!

À luz da Bíblia, o movimento Krishna é um terrível instrumento de Satanás para escravizar a criatura humana, e seu progresso no ocidente se deve à admiração que muitos têm pelos obscurantismos do oriente, de que acabam sendo vítimas.

A seita Hare-Krishna é, também, originária de Babilônia. Disso dão testemunho Jeremias, o profeta: “Babilônia era um copo de ouro na mão do Senhor, o qual embriagava a toda a terra; do seu vinho beberam as nações, por isso as nações enlouqueceram”, (7) e Hislop: “Pode-se provar que a idolatria de toda a terra é uma; que o idioma sagrado de todas as nações é radicalmente caldeu; que os grandes deuses de cada país e clima são chamados por nomes babilônicos; e, finalmente, que todos os paganismos da raça humana não são mais que uma perversa e intencionada corrupção, porém, muito instrutiva, ao mesmo tempo, do primitivo evangelho, anunciado pela primeira vez no Éden, e transmitido, mais tarde, por Noé, a toda a humanidade. O sistema (paganizado), em estado de incubação, primeiramente em Babilônia, transportado desde ali até os confins da terra, se há modificado e desenvolvido em vários séculos e

países.” Contudo, o mesmo autor conclui em seguida: “Na atualidade, unicamente na Roma Papal é que o sistema babilônico se pode encontrar quase puro e inteiro”. (8)

### DOIS ELOQUENTES TESTEMUNHOS

O Rev. Álvaro Reis, para provar a origem babilônica do culto católico, relaciona em sua excelente obra mais estes dois valiosos testemunhos, o primeiro do padre Huc, que viajou à Tartária, Tibet e China: “A cruz, a mitra, a dalmática, o fluvial ou capa de asperges, que o **Gram-Lama** (sumo sacerdote ou papa) veste quando de viagem ou durante a celebração de qualquer cerimônia fora do templo; o serviço de coros duplos, a salmodia; os exorcismos; o turíbulo suspenso por cinco correntes, que se pode abrir e fechar à vontade: as bênçãos pronunciadas; o rosário, o celibato; os eclesiásticos; o retiro espiritual; o culto aos santos; os jejuns; as procissões; as liturgias; a água benta: - **em tudo isto há analogias entre os budistas e nós**”. (O grifo é nosso).

O segundo testemunho, de James F. Clark, foi extraído de **Ten Great Religions** (Dez Grandes Religiões): “Monges budistas tomavam então (200 anos A.C.) como agora, os mesmos votos do celibato, pobreza e obediência, que tomam os membros de todas as ordens romanistas... Eles raspavam a cabeça, vestiam a capa de frade amarrada à cinta com uma corda e mendigavam de casa em casa, levando consigo uma tigela de madeira para receber arroz cozido. Os velhos mosteiros da Índia contêm capelas e celas para os monges. A estrutura desses mosteiros mostra claramente que o sistema monástico dos budistas é muito antigo demais para ser cópia dos mosteiros dos cristãos”. (9)

---

(1) Apocalipse 2.12,13.

- (2) John Robert Stevens, *Princípios Elementares de Doutrina*, Sepulveda, Cal. EUA, 1959, pág. 46.
- (3) Thomaz Moldero, *Libertação*, Inst. Divulgação Cultural, S. Paulo, págs. 125-127.
- (4) Jeremias 10.3,4.
- (5) Enciclopédia Barsa.
- (6) J. R. Stevens, ob. cit., págs. 46 e 47.
- (7) Jeremias 51.7.
- (8) Álvaro Reis, *Mimetismo Católico*, Rio, 1909, pág. 248, 249.
- (9) Idem., págs. 249, 250.

# 5 PÉRGAMO E O TRONO DE SATANÁS

*“E ao anjo da igreja que está em Pérgamo escreve: Isto diz aquele que tem a espada aguda de dois fios: Eu sei as tuas obras, e onde habitas, que é onde está o trono de Satanás,” Ap 2.12,13.*

Acerca do assunto tratado no capítulo anterior, transcrevemos um interessante artigo publicado, há muitos anos, num jornal evangélico: <sup>(1)</sup>

## **A IGREJA DE PÉRGAMO E O TRONO DE SATANÁS**

1. A palavra “Pérgamo” significa casamento e esta carta retrata uma Igreja que está casada com o mundo. “Constantino uniu a Igreja ao Estado, oferecendo toda sorte de incentivos para que o povo do mundo penetrasse na Igreja, seu propósito era mais político do que religioso, a idéia então era unir seus súditos pagãos e cristãos em um único povo, e assim consolidar seu Império. Este foi o começo de uma grande mudança. A Igreja perdeu seu caráter peregrino e casou com o mundo. Não era esta a vontade de Deus nem uma vitória para a cristandade como alguns nos fariam crer, mas exatamente o contrário, a vontade do inimigo e a derrota do cristianismo”. F. W. Childe.

A parábola do “Grão de Mostarda” servirá para trazer alguma luz sobre este particular período da Igreja. Mt. 13.31,32. “O reino dos céus” não é a Igreja, mas a Cristandade. O “pé de mostarda” é uma “hortaliça” e é cultivada por causa da sua semente usada como condimento. A planta também cresce no campo, atingindo uma altura superior a dois metros. Para se obter os melhores resultados, a planta deve ser cultivada em uma horta.

Na parábola, encontramos a semente em um campo (o mundo) - não em um jardim - onde cresceu em estado selvagem até que não era mais conhecida como uma “hortaliça” mas como uma “árvore”. A semente não era produzida de acordo com a sua própria natureza, (uma humilde “hortaliça”), mas tornara-se uma vaidosa

ÁRVORE, uma “monstruosidade”, na qual as “aves do céu venham aninhar-se”.

Quem são essas “aves”? São as mesmas “aves de rapina” da parábola do Semeador, pois que a mesma palavra é usada, e portanto são agentes do “Iníquo”, o Diabo, Mt 13.4,19. Então é claro que as “aves” nesta parábola não representam pessoas convertidas pela pregação do Evangelho, mas os emissários de Satanás, que não se aninham nos ramos da “árvore” para se abrigar mas para tirar vantagens passageiras e para sujá-la com sua presença.

A “árvore de mostarda” começou com 120 crentes que receberam o Batismo do Espírito Santo no dia de Pentecoste e continuou a se estender até que os seus ramos se espalharam por todo o mundo romano. Mas as “aves dos céus”, os Ananias e Safiras, os Simões Mágicos, os Himeneus e Filetos, e outros emissários de Satanás começaram a aninhar-se nos seus ramos e macular sua pureza, e quando no ano 324 A. D. o Imperador Constantino uniu a Igreja ao Estado, milhares e dezenas de milhares lotaram a Igreja influenciados pela política, pelo lucro e pela moda e se acomodaram debaixo de sua sombra, aninharam-se nos seus ramos, cevaram-se com seus frutos e continuaram a fazê-lo até o dia de hoje.

2. Durante este período da História (da Igreja), o Baalanismo (mundanismo) começou a ser introduzido na Igreja; e a “doutrina dos Nicolaitas” (o domínio do clero sobre os leigos - o reconhecimento do poder sacerdotal) se foi ampliando e alcançou força total com o estabelecimento do Papado.

3. A história de Balaão se encontra relatada nos capítulos 22 a 25 de Números. A ira de Deus de tal modo se acendeu contra Israel que 42.000 foram então destruídos, Nm. 25.1, 9; 31:15-17; II Pe 2:14-16. O pecado de fornicção cometido por Israel é um tipo do pecado de “fornicação espiritual” ou “Balaanismo” do qual se achou culpado,

quando se uniu ao Estado.

O “método de Balaão” que Constantino empregou foi dar aos Bispos da igreja certa quantidade de majestosos edifícios chamados Basílicas, para que os transformassem em Igrejas e para cuja decoração ele foi generoso no uso do dinheiro. Também forneceu luxuosas vestimentas ao clero e breve o Bispo se achou coberto de ricas vestes, sentado sobre um magnífico trono no alto da Basílica, com um altar de mármore, adornado com ouro e pedras preciosas, colocado um pouco abaixo na sua frente. Uma adoração formal foi introduzida e o caráter da pregação foi alterado para agradar os membros pagãos da Igreja e atrair à Igreja os Pagãos.

4. “Habitas onde está o trono de Satanás” (verso 13) tem relação com a transferência da sede do “culto babilônico” da Babilônia para Pérgamo, o que se verificou quando os sacerdotes daquele infame sistema religioso fugiram dos conquistadores persas. Pelos arquivos da história é possível estabelecer uma conexão entre a antiga Babilônia e a Igreja Romana.

Consideremos a história da antiga Babilônia ou Babel. Esta cidade foi fundada por Ninrode, o valente caçador, Gn 10:8-10. Após o dilúvio, as “forças do mal” gravitavam em torno daquele local e Babel foi o resultado. Depois do dilúvio, este local se tornou a sede da grande Apostasia. A confusão das línguas em Babel e a dispersão dos habitantes de Babel deu origem às nações. Gn 11:7,9. “Todavia, as nações não foram espalhadas por sobre a terra antes que Satanás tivesse implantado nelas os vírus de uma doutrina que tem sido a fonte de toda religião falsa que o mundo já conheceu” (Larkin). Pois foi aqui que o “Culto Babilônico” foi inventado por Ninrode e sua rainha, Semíramis, cujo filho ela afirmava haver tido em estado virginal e a quem ela também considerava ser prometida “semente da mulher” em cumprimento de

Gênesis 3.15, a primeira promessa do Messias.

“O Culto Babilônico” era um sistema religioso que apresentava como seu objetivo de culto o Supremo Pai, a mulher, ou Rainha do Céu, e o seu Filho. Os dois últimos eram realmente os únicos objetos de culto, já que o Supremo Pai, segundo se dizia, não intervinha nos assuntos dos mortais.

Nos dias de Ninrode, esse “Culto” mantinha subjugada toda a espécie humana, pois todos falavam a mesma língua e todos eram um só povo. Da Babilônia ao tempo da dispersão dos povos, foi que esse “Culto” se espalhou até os confins da terra e temos conhecimento de que Abraão foi escolhido por Deus de todas essas nações idólatras para representar e apresentar o verdadeiro Deus. Através dele Deus pretendia trazer o homem para junto de si.

Depois que as nações foram espalhadas, Gn 1-9, Babilônia continuou a ser o “trono de Satanás” até que a cidade foi tomada por Xerxes em 87. A. C. O sacerdócio babilônico foi então obrigado a deixar a Babilônia e se estabeleceu em Pérgamo, que passou a ser a sede do “culto” por algum tempo. Quando Atallus, o Pontífice e Rei de Pérgamo, morreu em 133 A. C., a sede do sacerdócio babilônico foi por ele entregue como herança a Roma. Finalmente, o primeiro Imperador Romano se tornou o cabeça do sacerdócio babilônico e Roma tornou-se a sucessora de Babilônia. A apostasia babilônica concentrou-se nos Imperadores Romanos, que continuaram a sustentá-la por 400 anos até 376 A. D., quando o Imperador Graciano, por motivos cristãos a recusou, pois viu que por natureza o culto babilônico era idólatra.

Dois anos mais tarde, Damasco, Bispo da Igreja Cristã em Roma, foi eleito para o ofício de Supremo Pontífice da Ordem ou “Culto” Babilônico e foi aí que Roma incorporou a Babilônia e o sistema babilônico da religião se tomou uma parte da Igreja Cristã. O Bispo de Roma, que

mais tarde veio a ser o Chefe Supremo da Igreja Organizada, já era o Supremo Pontífice da Ordem Babilônica. Aos poucos, a doutrina babilônica e da Roma pagã foi sendo inapelavelmente introduzida no seio da organização religiosa cristã. Um pouco depois de Damasco se haver tornado o Supremo Pontífice, os ritos de Babilônia começaram a se tornar evidentes. O culto da Igreja Romana se tomou Babilônico, os templos pagãos foram restaurados e adornados e os rituais foram estabelecidos.

As mudanças que se verificaram nas doutrinas e práticas da Igreja Romana como resultado dessa união, não foram repentinas. Entre as primeiras alterações decorrentes dessa união destaca-se a introdução do culto à Virgem Maria, estabelecido em 381 A. D. Assim como no Culto Babilônico a mulher e o filho eram os grandes objetos de adoração, não sendo esta prestada ao Supremo Pai, que não tomava conhecimento dos assuntos humanos, na Igreja Romana a prestação do culto ao Rei Eterno e Invisível está praticamente extinta, enquanto a adoração de Maria como Mãe de Deus e seu filho é predominante.

Em 1854 os bispos de todas as partes do mundo cristão e representantes dos confins da terra, reuniram-se em Roma e decretaram, com o pretexto de apenas quatro dos participantes, que Maria, a “Mãe de Deus”, havia morrido, ressurgido dos mortos e elevada ao céu, e por isso deveria ser doravante adorada como a Imaculada Virgem, “concebida e nascida sem pecado”.

---

(<sup>1</sup>) Mensageiro da Paz.

# 6 DEUSES, SEMIDEUSES E SANTOS

*“Porque há um só Deus, e um só Mediador entre  
Deus e os homens, Jesus Cristo homem,”  
I Tm 2.5.*

A principal distinção existente entre o cristianismo e paganismo está em que neste os mediadores são muitos, enquanto naquele “há um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem.” (1) A mitologia greco-romana ensinava a existência de deuses maiores ou superiores, e deuses menores ou inferiores. Acreditava-se que os superiores possuíam todo o poder e os inferiores, poderes limitados, servindo de mediadores entre aqueles e os homens. A característica principal, então, do paganismo, era uma enorme quantidade de divindades e um verdadeiro exército de mediadores. A Roma papal perdeu a distinção cristã e desceu até ao ponto de chegar à idolatria, pois canonizou uma longa lista de santos e os constituiu mediadores e advogados entre Deus e os homens.

Saliente-se que os católicos romanos não dão aos seus “santos” o nome de “deuses” ou “semideuses”, mas é inegável o fato de muitos homens e mulheres mortos, cujas almas, segundo se crê, estão no céu, receberem um verdadeiro culto religioso semelhante em muitos aspectos ao da mitologia clássica do império romano, por sua vez herdada do paganismo babilônico. Numa evidente apostasia, o romanismo atribui a seus santos o mesmo característico da mediação que o paganismo atribuía a seus semideuses.

### **OS DEUSES DO PAGANISMO**

Entre os pagãos, acreditava-se na possibilidade de uma pessoa ser canonizada se se fizesse notável por seus feitos, invenções, conquistas ou qualquer outra grande realização beneficiadora do gênero humano, podendo então servirem como intermediárias em favor deste junto às divindades superiores. Os filósofos pagãos falam todos neste sentido. O escritor M. H. Seymour escreveu:

“O filósofo Apuleo disse: ‘Os semideuses são

inteligências intermediárias, por meio das quais nossas orações e necessidades chegam ao conhecimento dos deuses. São mediadores entre os habitantes da terra e os habitantes do céu, que levam para lá as nossas orações e trazem para a terra os favores implorados; que vão e voltam como portadores das súplicas dos homens, e dos auxílios da parte dos deuses', etc. Este era o credo do paganismo, e em nada, a não ser no nome, difere do credo do romanismo, no que diz respeito à intercessão dos santos. Quando a igreja romana acha entre os membros de sua comunhão indivíduos tidos por piedosos ou ilustres em razão de certos poderes milagrosos, sustenta que podem ser canonizados e contados entre os seus santos, como mediadores entre Deus e os homens; que eles possuem influência suficiente para com Deus para obter dele os favores que solicitou; e que, portanto, são competentes ou idôneos para acolher as nossas orações e súplicas; ou, antes segundo o declarou o concílio de Trento: 'Os santos que reinam juntamente com Cristo rogam a Deus pelos homens; e é bom e útil invocá-los humildemente e recorrer a suas orações, intercessão e auxílio.' O princípio do romanismo pagão e o princípio do romanismo papal são uma e a mesma coisa, não havendo diferença senão nos nomes dos objetos de invocação...

“Quando se descobriu, depois do estabelecimento do cristianismo, nos tempos de Constantino (quando o grande fim almejado pela corte era estabelecer a uniformidade da religião), que muitos dos pagãos se conformariam exteriormente com o cristianismo se lhes fosse permitido conservar em particular o culto de suas divindades tutelares, concedeu-se-lhes permissão para isso, mudando tão somente os nomes de Júpiter em Pedro e o de Juno em Maria; e assim aconteceu que continuaram a adorar suas antigas imagens depois de batizadas sob nomes cristãos. Os escritos daqueles tempos tornam evidente o

seguinte: acreditou-se que aquela foi uma medida mui sábia e um golpe de hábil política, e que tendia a produzir a uniformidade da religião entre as massas ignorantes. A invocação de Juno se transformou na de Maria, as orações dirigidas a Mercúrio foram então dirigidas a Paulo etc. Não podemos compreender como a simples substituição dos nomes de Mercúrio ou Apolo pelos de Damião ou Cosme, ou a dos nomes de Minerva ou Diana pelos de Lúcia ou Cecília, possa mudar o caráter essencialmente idólatra da prática.”

### CRISTIANIZAÇÃO DE MITOS

O mesmo autor mostra até onde chegou a sede romanista de cristianizar mitos pagãos:

“Em alguns casos nem sequer mudaram os nomes, e Rômulo e Remo são adorados mesmo na Itália sob os nomes modernos de S. Romulo e S. Remigio, fazendo-se acreditar à gente simples que eles foram dois bispos santos. Até mesmo Baco tem quem o adore debaixo do nome eclesiástico de S. Baco! O princípio e a prática da Roma papal são idênticos aos da Roma pagã; de sorte que todo o argumento que justifica uma justifica também a outra. Portanto, se o princípio e a prática da Roma pagã eram idólatras, não sei por que o mesmo princípio e a mesma prática na Roma papal não hão de chamar-se também idólatras.” (2)

Invoquemos agora o testemunho eloquente de um grande escritor inglês:

“Não obstante os avisos repetidos, a Igreja foi-se desviando pouco a pouco da simplicidade do ensino de Cristo, devido às influências a que acabo de aludir, mas esta corrupção nada foi, comparada com a que proveio deste outro mal: - **a tentativa de harmonizar o Cristianismo com o Paganismo.**

“É muito natural que tal tentativa não fosse realizada enquanto as duas religiões estavam em conflito; porém, quando Constantino abraçou o Cristianismo e ambas as religiões eram toleradas, aquilo que antes era considerado impossível tornou-se praticável. Apareceram pessoas que, por motivos talvez bem intencionados mas errados, apresentaram esta fusão como desejável.

“Agostinho escreve assim: ‘Quando se firmou a paz, a multidão dos gentios (pagãos) que estavam ansiosos por abraçar o Cristianismo, foi impedida de o fazer porque estavam acostumados a passar as festas em embriaguez e orgia diante dos seus ídolos, e não podiam facilmente abandonar estes perniciosíssimos e antigos prazeres. Pareceu bom, entretanto, aos nossos chefes **favorecer esta parte de fraqueza** dos gentios, e substituir estas festas que tinham de abandonar por outras em honra dos santos mártires, que pudessem ser celebradas com alegria semelhante, embora sem a mesma impiedade”.

“Uma passagem da Enciclopédia de Fosbroke informa-nos do mesmo fato com mais detalhes: “Os gentios deleitavam-se nas festas dos seus deuses e não queriam renunciar a eles. Por isso Gregório (Taumaturgo), que faleceu no ano de 265, e que era Bispo do Neocesareia, instituiu festas anuais para facilitar a sua conversão. Foi assim que as festividades cristãs substituíram as Bacanais e as Saturnais; os jogos de Maio substituíram as Florais (jogos em honra de Flora) e as festas da Virgem Maria, de São João Baptista e de diversos apóstolos, tomaram o lugar das solenidades que celebravam a entrada do sol nos signos do Zodíaco, de acordo com o velho calendário Juliano.”

“Sobre a verdade destas asserções não pode haver a menor dúvida, pois ainda hoje é evidente a coincidência de algumas festas cristãs com as festas do Paganismo.”<sup>(3)</sup>

Benjamim Scott, nas notas da obra referida ainda salienta “as cerimônias realizadas em Camberland, na Escócia e na Irlanda, na véspera de S. João, que consistem em oferecer bolos ao sol, e algumas vezes em passar crianças pela fumaça de fogueiras; o uso do símbolo druida do azevinho e agárico pelo natal, e de amêndoas na Sexta-Feira da Paixão e nos países católicos o carnaval, que é a Saturnália dos romanos, realizado pela quaresma, etc...”.

---

(1) I Timóteo 2.5.

(2) M. H. Seymour, Noites com os Romanistas, Lisboa, Portugal, págs. 170-172.

(3) Benjamim Scott, As Catacumbas de Roma, Porto, Portugal, 1923, págs. 138 e 139.

# 7 A PÁSCOA E OUTRAS OFERTAS

*“Porque Cristo, nossa páscoa, foi  
sacrificado por nós,” I Co 5.7.*

Em muitas religiões antigas era disseminado o costume de confeccionar bolos, tortas ou pastéis em honra a seus deuses. Esses alimentos, consumidos nos rituais, traziam os símbolos ou efigies de suas divindades, sendo a principal delas a Rainha do Céu.

Conhecida na Babilônia como Istar, a Rainha do Céu teve seu culto introduzido em Jerusalém durante o reinado de Manassés, bisavô de Jeoaquim. Já era conhecida dos hebreus muito antes de Manassés, pois eles a encontraram como uma das principais divindades de Canaã, quando conquistaram este país. Os fenícios a veneravam como padroeira de Sidon e como protetora de suas embarcações, em cuja proa ostentavam a sua efigie, na qual ela segurava uma coroa em sua mão direita, como modernamente alguns automóveis a traziam sobre o tampão do radiador.

Flávio Josefo faz referência a um templo à Rainha do Céu erguido por Hirão, sendo um de seus sacerdotes o pai da vil Jezabel, esposa de Acabe e responsável pela terrível idolatria que assolou Israel.

O culto à Rainha do Céu está referido em vários lugares da Bíblia, mas especialmente em Jeremias 44.15-19, onde lemos na versão em italiano de Mons. Carlo Maria Martini, tradução em português do prof. Jacob Pentecoste: “Então, todos os homens, que sabiam que suas mulheres sacrificaram a deuses estrangeiros, e todas as mulheres, das quais havia uma grande multidão, e todo o povo, que habitava a terra do Egito, em Patros, responderam a Jeremias: ‘Não escutaremos de ti a palavra que nos disseste, em nome do Senhor, mas faremos segundo’ a palavra que saiu da nossa boca; queimaremos incenso à rainha do céu e lhe oferecemos libações, como fizemos nós e os nossos pais, nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém, e fomos então saciados de

pão, tudo nos corria bem e não vimos mal. Mas, desde que cessamos de sacrificar à rainha do céu e de libar-lhe, tivemos necessidade de tudo, e temos sido exterminados pela espada e pela fome. Porque, se queimamos incenso à rainha do céu e **lhe** oferecemos libações, porventura fizemos as tortas **com a sua imagem** ou oferecemos-lhe as libações sem o consentimento dos nossos homens?”

O verso 19 do texto citado é assim traduzido por Moffat: “fizemos bolos à sua imagem.” Na tradução do Centro Bíblico de São Paulo, lemos: “Ofertamos tortas à sua efigie.” O mesmo pensamento ocorre na versão inglesa “Authorized Version”, e na italiana, de Giovanni Luzzi.

A adoração da Rainha do Céu que, ao final, vem a ser a mesma Semíramis, constituía-se, portanto, do oferecimento a essa divindade de fumaça sacrificial, proveniente da queima de resinas, madeiras, especiarias ou gomas; do derramamento de lico res ou vinhos no lugar do sacrifício ou à sua frente; do preparo de bolos de oferenda com a sua imagem ou efigie. Como deusa da fertilidade, é provável que os bolos oferecidos à Rainha do Céu eram feitos com farinha de trigo das primeiras colheitas.

\*\*\*

Mais tarde os imperadores romanos, divinizados pelo paganismo, adotaram o mesmo critério para receber o culto de seus súditos. Conta-se que Trajano, o terrível inimigo dos cristãos, expediu uma ordem com o fim de eliminar de seus exércitos qualquer soldado que professasse o nome de Cristo. E numa companhia das Gálias, composta de cem homens, o decreto imperial foi recebido pelo comandante com grande tristeza, pois sabia ele da existência de grande número de cristãos entre as suas fileiras, por sinal os mais dedicados, valentes e disciplinados. Com pesar ordenou fosse levantado um altar e em seguida determinou que cada soldado enchesse sua taça de vinho e a derramasse

diante do altar, em honra ao imperador. Quarenta legionários recusaram-se a fazê-lo e foram lançados às geleiras, despidos, para lá morrerem.

A noite estava muito fria e ninguém, no acampamento, conseguia conciliar o sono, sentindo a dolorosa ausência de seus leais companheiros. O capitão levantou-se e se dirigiu às proximidades do lugar onde pereciam seus soldados, e ouviu surpreso um cântico: “Quarenta soldados lutando por ti, ó Cristo, reclamam para ti a vitória e pedem de ti a coroa.” A extrema dedicação daqueles homens ao seu Deus e o valor que davam à sua fé impressionara o chefe militar. Comovido, ele continuou ouvindo aquele estranho brado de vitória, até que o mesmo mudou-se para: “Trinta e nove soldados lutando por ti, ó Cristo, reclamam para ti a vitória e pedem de ti a coroa” É que um deles renegara a fé, arrastara-se até a fogueira do acampamento e fora trazido de novo à vida. Revoltado com tal atitude e movido por um ímpeto de fé no Cristo vitorioso, o capitão despiu-se de sua capa e voluntariamente uniu-se aos seus valentes soldados nas geleiras. E novamente o acampamento ouviu o eco da sublime mensagem, agora com nova nota triunfante: “Quarenta soldados lutando por ti, ó Cristo, reclamam para ti a vitória e pedem de ti a coroa.” Na manhã seguinte jaziam nas geleiras os corpos dos quarenta legionários, incluindo-se o do comandante. Foram fiéis até a morte, reclamaram para Cristo a vitória e receberam dele a coroa.

\*\*\*

Os romanos faziam também, em honra a suas divindades, bolos de farinha, queijo, mel, azeite e ovos, derivando-se esse costume dos mistérios babilônicos. Charles Francis Potter escreveu a respeito dessas práticas idolátricas:

“Que longa linhagem de bolos sagrados através dos tempos, descendentes diretos dos que eram, ritualmente, cozidos e consumidos em honra a Ashtoreth!”

“Só pensar nos bolos de casamento, com os seus símbolos de ‘boa sorte’. Como devem ser partidos cuidadosamente e solenemente, e os pedaços colocados sob os travesseiros para chamar os melhores sonhos! Na Inglaterra, a camada superior de um bolo de casamento é o bolo de batismo, cuidadosamente aparatado, qual apelo cristão a Ashtoreth, deusa da fertilidade, para que abençoe o casal, e faça-o fecundo.

“As ‘broas de cruz quentes’, a comer-se na Semana Santa, devem trazer a imagem da cruz...

“Ainda mais diretamente de origem ‘pagã’, são os bolos Simmel (de farinha de trigo), que trazem a figura de Cristo ou de sua Mãe Maria. Não é preciso ser uma autoridade no assunto para reconhecer nesse bolo de trigo com a efigie da Virgem uma versão cristã de exatamente as mesmas preparações condenadas por Jeremias.

“Os ‘bonecos de pão de gengibre’, ainda hoje pendurados às árvores de Natal da Nova Inglaterra, talvez tenham ascendência muito mais antiga do que poderiam imaginar os cozinheiros.

“Mais notável porém do que o bolo Simmel ou os bonecos de pão de gengibre - descendente remoto e por linhagem diversa de mais alto valor espiritual - é o pão ou a hóstia da comunhão ou missa cristã.

“A gente antiga comia bolos com a forma de suas divindades, a fim de participar das virtudes do deus ou deusa em questão. Até certo ponto, um modo mais requintado do que faz o selvagem quando come o coração do leão para adquirir-lhe a coragem(...)

“O culto devoto, um sincero desejo de assemelhar-se ao deus ideal de sua escolha, esta tem sido, na história, a maior força levantando o homem da lama às estrelas. Ashtoreth era Istar, a Rainha do Céu, o planeta Vênus, e ninguém levantará os olhos para o alto às primeiras horas da noite e verá aquela estrela sem experimentar a maior alegria.

“Quando, porém, a insinceridade e a ignorância se infiltraram no culto, transformou-se este numa orgia desbragada.

“E afirma-se que os padres cristãos ignorantes da Idade Média, quando apressavam a missa a fim de voltar às suas amantes, as palavras sagradas ‘Hoc est meus corpus’ (este é o meu corpo) se converteram em ‘Hocus pocus’, frase esta que, com a sua abreviação ‘hocum’, tomou a significação de uma prática destinada a produzir determinado efeito em audiência ignorante.” (1)

## A PÁSCOA

Simbolizando a renovação da vida, a volta da primavera e a ressurreição de Cristo, a páscoa está presente em todo o mundo, até mesmo onde o cristianismo não é conhecido ou onde as religiões pagãs constituem grande maioria. Ela já existia muitos séculos antes de Cristo como uma doutrina originária de Babilônia, ao mesmo tempo em que era praticada pelo povo de Israel em comemoração à sua saída do Egito, com o sentido de **passagem** - no caso a passagem do anjo destruidor ou, segundo alguns, também a passagem pelo Mar Vermelho - e prefigurava a pessoa de Cristo, que foi sacrificado por nós, como nossa Páscoa. “Nessa noite eu **passarei** pela terra do Egito, e matarei a todos os primogênitos da terra do Egito, desde os homens até os animais, e farei justiça sobre todos os deuses do Egito, eu, o Senhor.” (2)

Instituída para ser celebrada aos 14 dias do mês de Abib (ou Nisã, conforme o uso babilônico), a páscoa tipificava a obra expiatória de Cristo no Calvário, sendo o cordeiro, ou cabrito, “sem defeito” e cujos ossos não seriam quebrados, “nem quebrareis osso algum”. (3) Como o “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”, Jesus foi crucificado exatamente no dia da Páscoa, 14 de Nisã

(correspondente provável ao nosso mês de abril), às nove horas da manhã e expirou às três horas da tarde, quando no templo o sacerdote imolava o cordeiro pascal.

A páscoa bíblica, portanto, consumou-se em Cristo que instituiu, como um novo memorial, a sua ceia, na qual o crente comemora a morte do Senhor até que Ele venha. Não há, em o Novo Testamento, mais lugar para a páscoa ou outras festividades mosaicas, as quais foram abolidas na cruz juntamente com outras ordenanças, como sombras das "coisas futuras, espirituais, pertencentes à dispensação da graça.

### **A ORIGEM DO OVO DE PÁSCOA**

Estranha ao Novo Testamento, a páscoa moderna tem por símbolos aceitos em todo o mundo o ovo e o coelhinho. Com o correr do tempo muitas festas e tradições surgiram e chegaram até nós, através da cultura de muitos povos e países diferentes. A palavra "easter", em inglês, parece que vem da deusa anglo-saxônica da primavera, Eostre, derivada da Istar babilônica. Outros atribuem sua origem às festas de Eostur, que celebram a volta da primavera, também uma antiga tradição babilônica.

No Hemisfério Norte esta festa corresponde ao princípio da primavera e por isso este dia é festejado de muitas maneiras e de acordo com os mais diferentes ritos pagãos. Muitos séculos atrás os sírios, troianos e nórdicos reuniam-se nos montes, ao amanhecer, a fim de celebrar a volta do sol da primavera.

O ovo, significando começo, origem de tudo, abriu o caminho para outras tradições. Ele está presente na mitologia antiga, nas religiões do oriente, nas tradições populares e numa grande parte da cristandade. Segundo alguns, os ovos chegaram ao ocidente vindos do antigo Egito e, segundo outros, através de povos germânicos da

região do Báltico. Na Idade Média os europeus adotaram o costume chinês de enfeitar os ovos, que eram cozidos e coloridos e davam-se aos amigos na Festa da Primavera, como lembrança de contínua renovação de vida. Colorir os ovos se tomou uma arte requintada. Eram cozidos com tintas vegetais até endurecer. A fruta do tojo fornecia a cor amarelada e a beterraba o vermelho.

No século XVIII a Igreja Católica Romana adotou oficialmente o ovo como símbolo da ressurreição de Cristo, santificando-se destarte um uso originalmente pagão, e pilhas de ovos coloridos começaram a ser benzidas, antes da distribuição entre os fiéis.

O coelho como símbolo da fecundidade apareceu por volta de 1215, na França, derivando-se também dos mistérios babilônicos. Uma mistura de mitologia pagã com a simbologia cristã paganizada.

Modernamente, o costume pagão de presentear os amigos, na páscoa, continua, mas não mais com ovos de galinha, enfeitados, mas sim com ovos de chocolate. Este apareceu mais ou menos em 1928, quando esse produto começou a ser industrializado em larga escala.

Em 1951 o Papa Pio XII introduziu algumas modificações na festa da páscoa, numa tentativa de restituir-lhe o esplendor religioso, transferindo a missa que era celebrada no sábado de aleluia - quando se “malha o Judas” - para a meia-noite, na passagem para o domingo. O sábado como preparação para a páscoa, foi chamado de sábado santo. O romanismo impõe ainda aos seus fiéis, como preparativos para a festa, uma série de ensinamentos sobre os sacramentos, a partir do mês de novembro. A Quaresma, através da penitência, é considerada de grande valia no preparo do povo.

Na vigência da Lei, deveriam os israelitas, ao comer o cordeiro pascal, volver os pensamentos aos fatos que culminaram na libertação de seus pais da escravidão egípcia, renovar os votos de fidelidade a Jeová e, também, divisar no porvir os sofrimentos e as glórias do Messias, de quem Moisés escreveu: “O Senhor teu Deus te despertará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, como eu; a ele ouvireis.” (4) Já na Ceia as contingências são outras. O crente traz à memória o Cristo na cruz, na dupla condição de sacerdote e vítima, a derramar o sangue inocente purificador de todo o pecado. E não somente isso, mas recolhendo-se do passado, reconsagra sua vida no presente e dirige-se ao futuro, antegozando o cumprimento destas palavras consoladoras do próprio Jesus: “e digo-vos que, desde agora, não beberei deste fruto da vide até aquele dia em que o beba de novo convosco no reino de meu pai.” (5)

### **A CEIA DO SENHOR**

No seu “duro” discurso, registrado no capítulo 6 de João Jesus afirma: “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia. Porque a minha carne verdadeiramente é comida e o meu sangue verdadeiramente é bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele.” (6)

Muitos não puderam suportar estas palavras do Mestre, por não entendê-las, e abandonaram-no. Aos que ficaram, porém, explicou-lhes Jesus: “O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita: as palavras que eu vos disse são espírito e vida” (7). Recordo-me de uma experiência contada do púlpito por um Obreiro que tivera uma palestra com um sacerdote católico-romano. Este argumentou em defesa da transubstanciação citando as palavras de Cristo: “isto é o meu corpo”, “isto é o meu sangue”. (8) O pastor respondeu com esta pergunta:

e onde estava o corpo de Cristo quando ele distribuiu os elementos? O cúria emudeceu-se.

Na Ceia do Senhor o crente realmente participa de Cristo como a fonte da sua vida espiritual. Não que Cristo esteja presente no pão e no vinho como ensina a **consustanciação** e nem que os elementos se transformam em corpo, sangue e divindade do Salvador, como quer a **transustanciação**. Mas pela fé o salvo vê nos símbolos do pão e do vinho o corpo de Cristo por ele partido e seu sangue remidor derramado no altar do Calvário.

Se o israelita, ao celebrar a Páscoa lembra-se de sua saída do Egito, o cristão, ao comemorar, na Ceia, a morte do Senhor, recorda a sua libertação do mundo. No “êxodo” do crente, este deixa atrás de si o jugo do pecado, o mundo de trevas e ilusões e é transportado para “o reino do Filho do seu amor.”<sup>(9)</sup>

Portanto, não há lugar no Novo Testamento para a antiga festa da Páscoa, tal como a cristandade divorciada da Bíblia celebra com coelhos e bombons de chocolate. “Porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós.”<sup>(10)</sup>

A verdadeira páscoa cristã é Cristo, de quem a nova criatura se alimenta constantemente. Os elementos servem apenas para realçar a plenitude da vida que há naquele que disse: “quem de mim se alimenta, também viverá por mim.”<sup>(11)</sup>

---

(1) Charles Francis Potter, História das Religiões, Edigraf Ltda., S. Paulo, 1944, Vol. I, págs. 125 e 126.

(2) Êxodo 12.12.

(3) Êxodo 12.4,9,46.

- (4) Deuterônimo 18.15.
- (5) Mateus 26.29.
- (6) João 6.54,56.
- (7) João 6.63.
- (8) Mateus 26.26,28.
- (9) Colossenses 1.13.
- (10) I Coríntios 5.7.
- (11) João 6.57.

# 8 MITOS E RELÍQUIAS

*Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem,” Jo 4.23.*

Um costume romano, herança do velho paganismo babilônico, é o de distribuir funções aos seus santos ( ou deuses), prática levada ao extremo com a eleição de “santa” Edwiges como a padroeira ou protetora dos ENDIVIDADOS! De um excelente periódico português, transcrevemos um paralelo interessante entre as funções dos deuses pagãos e os “santos” cristãos, para provar a existência, hoje, no seio do romanismo, das mesmas práticas antigas, tão condenadas pelos profetas do Velho Testamento:

“Júpiter Fulgor presidia aos relâmpagos de dia e Sumano aos da noite; Santa Bárbara e São Jerônimo têm esta incumbência. Eolo, deus dos ventos; São Lourenço, advogado dos ventos. Mab, divindade dos sonhos; Santa Helena, revela em sonhos os acontecimentos. Lye, divindade das expiações; São Teodoro, divindade da penitência. Hymem, divindade que presidia ao casamento; Santo Antonio casa as novas e São Gonçalo as velhas. Juno e Prosa, divindades aos partos; Senhora do Parto e do Bom Sucesso, prestam-se para este fim. Chera, deusa das viúvas; Santa Brígida, protetora das viúvas. Parnasso, filho de Neptuno, inventor da arte dos agoureiros; São Cipriano, agoureiro e feiticeiro

“A cabeça estava sob a proteção de Júpiter; São João é o protetor da cabeça. Os olhos, de Cupido; Santa Luzia, dos olhos. O peito, de Neptuno; Nossa Senhora das Espadas, do coração e Santa Águeda, dos peitos. Os ouvidos, de Memória; São Manuel, dos ouvidos. As mãos, de Fé; Santo André, dos braços. Os pés de Mercúrio; Santa Filomena, dos pés, e São Dimas, das pernas. A indústria, de Mellona; Santo Inácio, dos tecelões. Os rebanhos, de Mellofora; São Pastorzinho e Santa Germana, dos criadores de gado. Os cereais, de Ceres; Senhora de Março, dos semeadores de cereais. A lavoura, de Oro; Santo Izidro, dos lavradores. Os pescadores, de liminites; São Francisco, dos pescadores. A música, de Apoio; Santa Cecília, dos músicos. E Dédalo era

o advogado dos artífices em geral; São Crispim, dos sapateiros, São José, dos carpinteiros, São Vicente Ferraz, dos pedreiros, São João Evangelista, dos tipógrafos, São Cosme e São Damião, dos médicos e cirurgiões. E comparando tudo isto, se conclui que a Mitologia é a mesma, mas sob um outro disfarce.”<sup>(1)</sup>

## **O RENDOSO COMÉRCIO DE RELÍQUIAS**

Outra prática corrente no antigo paganismo era a adoração de relíquias, como até hoje ainda acontece nas religiões filhas de Babilônia. E como herdeira dos mistérios babilônicos, o romanismo não constitui exceção a esta regra. Ele venera e adora relíquias milagrosas de Jesus, de Maria, dos Apóstolos, dos santos e até mesmo do Espírito Santo! O professor João Pereira de Andrade e Silva registrou que “os mártires foram canonizados e às suas relíquias atribuiu-se poder miraculoso.” Cria-se que estas relíquias podiam restaurar os doentes, exorcisar os demônios, revelar crimes, impedir as pragas e até ressuscitar os mortos... O culto às relíquias era a contraparte, como pretendiam, do fetichismo pagão. Se os pagãos tinham suas imagens e relíquias para “fazer milagres”, então os cristãos também deveriam possuir as suas, e dessa forma penetrou esse erro, na parcela do cristianismo que afastou a Bíblia, não aceitando-a como regra de fé e governo <sup>(2)</sup>

E dentre as relíquias milagrosas, destacava-se a suposta cruz de Cristo, cujas lascas ocupavam os altares de igrejas e mosteiros em várias partes do mundo. Acredita-se que, se todos os pedaços da cruz de Cristo considerados “autênticos” fossem reunidos, dariam para a construção de uma nova arca de Noé, nas mesmas proporções!

Eça de Queiroz, o renomado romancista lusitano, escreveu em outubro de 1871: “O comércio da relíquia piedosa é a ocupação usual dos srs. Missionários. Um sábio professor da Universidade de Coimbra contava-nos, há

pouco, que presenciara em Trás-os Montes uma singular agudeza:

Um missionário chegou ali com grande bagagem de **rosários**, contas, **sudários**, **pedaços do santo lenho**, **fragmentos da túnica**, etc. Mas o desleixado, o imprudente, não trazia caixeiro! De tal sorte que teve de se contentar com dois que lhe forneceu um negociante de panos. Estes dois hábeis vendedores a retalho, colocados à porta da igreja nas tardes de sermão, diante dos tabuleiros de feira, enfeitados de toalhas bordadas e cheios de relíquias, dirigiam ativamente o seu negócio pio.

Quem entrava na igreja, comprava com devoção. E no entretanto o missionário no púlpito tropejava. Contar aqui o que ele declamava no seu vozeirão labrego não o podemos - para que estas páginas não venham a ser consideradas tão picantes como as das memórias de **Faublas**.

“No entanto uma inquietação atormentava este varão pio. Não sabia a conta exata das relíquias que dera aos caixeiros, e punha neles uma confiança pouco evangélica! De modo que tomou este expediente triunfante. Ao fim de cada sermão, clamava:

–“Agora vão-se benzer as relíquias! Quem tiver rosários de Nossa Senhora, erga-os ao ar!

“Os fiéis que se tinham provido daquela espécie levantavam-na com fervor. O missionário então, como absorto em êxtase, contava com os olhos, rapidamente, a vôo de pregador, os rosários. Depois abençoava-os. Passava em seguida, pelo mesmo processo extático, à contagem das outras relíquias. E quando saía da igreja conferia os seus apontamentos mentais do púlpito com os resultados monetários da porta. Os caixeiros eram honrados, e este homem fez um bom lucro. Que Deus o

proteja, e a polícia não o incomode!” (3)

## **UM DEDO DO ESPIRITO SANTO!!!**

Para que o leitor tenha uma ideia do alto valor que o romanismo dá às relíquias e das monstruosidades perpetradas por ele neste setor, selecionamos os seguintes testemunhos históricos:

Dentre as milhares de relíquias levadas de Constantinopla à Europa, pelos cruzados, destacam-se as barbas de Noé, os chifres de Moisés (!!!), crinas da mula de Balaão e o ramo no qual Absalão, quando perseguia seu pai Davi, ficou embaraçado pelos cabelos.

Dos tempos do Novo Testamento: a faca e o prato que usou na última ceia, palhas da manjedoura, uma das lágrimas que Jesus verteu junto ao túmulo de Lázaro, colhida por um anjo e dada a Maria Madalena, que por sua vez a levou à França.

E as incríveis histórias continuam: numa exposição de 5.005 relíquias em Wittenberg, ainda quando Lutero era uma criança, os peregrinos detinham-se diante de ossos de Davi, fragmentos do machado que lavrou a cruz de Cristo, cinco gotas do leite de Maria e um pedaço do leite de onde Maria subiu ao céu. Segundo uma narrativa, um dente de um certo São Nicolau, conservado em Brauweiler, em certas ocasiões arrujava-se contra o vidro da uma, demonstrando assim a insatisfação do santo pela irreverência do povo que o contemplava.

Calvino, referindo-se às relíquias, disse: “é quase incrível como tenha sido o mundo tão largamente enganado. Posso mencionar três prepúcios de nosso Salvador; quatorze cravos exibidos em lugar dos três que teriam sido retirados da cruz; três exemplares da túnica inconsútil de Cristo, sobre a qual os soldados lançaram

sortes; três lanças com que o lado de Nosso Salvador foi transpassado; cinco lençóis de linho em que seu corpo esteve envolvido no túmulo.” (4)

“Maroles, beijando na Catedral de Amiens a cabeça de João Batista, exclamou: “Louvado Deus! É a quinta ou sexta que tenho osculado na minha vida”.

“Ludovico Lalanne, numa nota respeitante ao assunto, apresenta as seguintes conclusões: “Podem-se atribuir a Santo André, 5 corpos, 6 cabeças, e 17 braços; pernas e mãos; a Sant’Ana, 2 corpos, 8 cabeças e 6 braços; a Santo Antonio, 4 corpos e uma cabeça; a Santa Bárbara, 3 corpos e 2 cabeças; a S. Basílio, 4 corpos e 2 cabeças; a S. Braz, um corpo e 5 cabeças; a São João Batista, 10 cabeças; a São Filipe, 3 corpos, 18 cabeças, e 12 braços - e tudo assim, para S. Lager, Santa Juliana, Santi Hilário, S. Sebastião, Santa Helena...”

“Deregnacout afirma que a Abadia de Flines possuía as seguintes relíquias: um fragmento da cruz, cabelos da Virgem, fragmentos da túnica de Jesus, da esponja e da lança, um espinho da coroa, uma gota de sangue, o vaso de Madalena, um trecho da perna de S. Clemente, uma costela de S. Nicolau e um dedo de Santo Humberto...”

Mais notável, porém, é a coleção da capela de Saint-Omer: um pedaço da cruz e da lança; um fragmento do sepulcro de Cristo; um pedaço da pedra sobre a qual (digito suo) com o seu dedo, Deus escreveu a Lei de Moisés; um pedaço da pedra sobre a qual Jacob atravessou o mar; uma gota de sangue de Jesus (sudarium Domini); um fragmento da vara de Aarão; cabelos da Virgem (de capillis beatas Mariae); um farrapo do vestido da mesma; um fragmento da flor que a Virgem apresentou a seu filho (tentit ante filium); um fragmento da janela pela qual o anjo Gabriel entrou para saudar Maria (per quam angelus intravit), etc.

“Mas mais notável ainda, é a afirmação da Revista Religiosa de Ródez que declara a existência em Conques de:

Um pão da Ceia, o vestido de Jesus e cabelos da Virgem, o santo prepúcio e migalhas da Santa Ceia. **E Draper assevera que num mosteiro de Jerusalém era guardada a mais extraordinária das relíquias - UM DEDO DO ESPÍRITO SANTO!"** (6)

### CONTROVÉRSIA

O costume pagão de cultuar relíquias de santos e mártires, ou de adora-las, tem trazido não poucos problemas a diversas religiões, em razão das notícias veiculadas por dois jornais egípcios, segundo as quais, num mosteiro do deserto ocidental do Egito, teria sido encontrado o corpo de São João Batista, o mesmo que batizou Jesus e foi decapitado por ordem de Herodes Antipas.

O jornal "Al Ahram" disse que, nos despojos, a cabeça está ligada ao corpo, em contraste com o relato bíblico. "À luz de uma vela, o rosto parecia amável. Não dava a impressão nem de velho, nem de jovem..." , escreveu o repórter Ezzat el-Saadany.

A reação católica não se fez esperar. O historiador Giovanni Papo, do Departamento Histórico da Congregação para as Causas dos Santos, disse que, para determinar a procedência das informações, há necessidade de uma investigação séria e cuidadosa. "Deverá ser feito um estudo sério sobre os documentos históricos onde se narra a trasladação do corpo de João Batista para o Egito. Um dos pontos importantes será examinar se estão faltando algumas partes desse corpo, pois várias outras igrejas em outros países afirmam possuir também relíquias de São João Batista", disse Giovanni.

De fato, pródiga como é em relíquias sagradas, a Igreja Romana já tem muitos problemas com os restos mortais do precursor de Cristo.

E todas as igrejas depositárias dos crâneos sagrados

asseguram a autenticidade de tais “Tesouros”!

Para os mórmons, o corpo encontrado pela Igreja Ortodoxa Copta não pode ser o de João Batista. Este, segundo narra Joseph Smith, teria ressuscitado e reassumido seu corpo. A primeira presidência da seita mórmon, em Salt Lake City, EUA, esclareceu que o corpo de João Batista não poderia estar no Egito “porque ele apareceu na Terra como uma pessoa ressuscitada, em 1829”. O falso profeta Smith narra o seguinte: “O mensageiro que nos visitou nessa ocasião disse que seu nome era João, o mesmo que aparece no Novo Testamento com o nome de João Batista.”

Diante de tanta preocupação, os cristãos evangélicos não nos abalamos, porque a nossa fé não se baseia em restos mortais de quem quer que seja e muito menos em fantasiosas visões responsáveis pelo surgimento das heresias modernas, como o sabatismo e o mormonismo. Andamos por fé e não pelo que vemos. <sup>(6)</sup> O importante não são os ossos deste ou daquele santo, lascas da cruz ou cabelos da virgem.

Cabe aos evangélicos a preservação da mais preciosa das relíquias do grande homem de Deus, relíquia por sinal esquecida pelos cristãos nominais e apóstatas. Trata-se do grande e luminoso testemunho de fé, de humildade e de obediência que ele nos legou, e que mereceu de Jesus este elogio: “Entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João Batista; mas aquele que é menor no reino dos céus é maior do que ele.”<sup>(7)</sup>

---

(1) Novas de Alegria, Lisboa, Portugal, julho de 1948.

- (2) João Pereira de Andrade e Silva, Apostila de História Eclesiástica, vol. II, Rio de Janeiro.
- (3) Uma Campanha Alegre, Lello & Irmãos Editores, Porto, Portugal, 1965, págs. 223-224.
- (4) Cit. por David S. Schaff em Nossa Crença e a de Nossos Pais, Imprensa Metodista, São Paulo, 1964, pág. 446.
- (5) Novas de Alegria, Lisboa, Portugal, setembro de 1949.
- (6) II Coríntios 5.7
- (7) Mateus 11.11

# 9 CULTO A MARIA

*“Disse-lhe Jesus: Mulher, que tenho eu contigo?  
Ainda não é chegada a minha hora. Sua mãe  
disse aos serventes: Fazei tudo quanto  
ele vos disser,” Jo 2.4,5.*

O Velho Testamento faz significativa referência a Semíramis como a **rainha do céu**, segundo a concepção pagã: “Os filhos apanham a lenha, os pais acendem o fogo, e as mulheres amassam a farinha, para fazerem bolos à **rainha dos céus**; e oferecem libações a outros deuses, para me provocarem à ira.”<sup>(1)</sup>

Esse título honorífico, até outubro de 1954 estava faltando à “deusa” romana. Mas naquela data, para coroar o grande surto de piedade mariana verificado em todo o mundo naquele ano centenário da proclamação do dogma da Imaculada Conceição, o papa Pio XII instituiu a festa da coroação de Maria como Rainha do Céu para ser celebrada no dia 31 de maio, o “Mês de Maria”. Na carta encíclica “Ad Coeli Reginam” (Rainha do Céu), declara o Sumo Pontífice: “Desde os primeiros séculos da Igreja Católica o povo cristão tem elevado orações súplicas e hinos de louvor e devoção à Rainha do Céu, quer nas circunstâncias felizes, quer sobretudo nos períodos de graves angústias e perigos; nem foram desmentidas as esperanças depositadas na Mãe do Rei Divino, Jesus Cristo, nem se obnubilou a fé que nos ensina que a Virgem Maria, Mãe de Deus, preside o universo com maternal coração, assim como está coroada de glória na celeste bem-aventurança.”<sup>(2)</sup> Com a reforma do calendário litúrgico, a festa de Maria como **rainha do céu** ou **rainha do universo**, passou para o dia 22 de agosto, tradicionalmente consagrado ao seu “imaculado coração”.

Referido papa, por ocasião da coroação solene de uma imagem da Virgem em Roma, no dia 1º de novembro de 1954, salientou: “Nosso desígnio é sobretudo fazer ressaltar aos olhos do mundo uma verdade

capaz de obter o remédio para seus males, livrá-lo de suas angústias e orientá-lo para o caminho da salvação que busca com ansiedade... Rainha, mais que nenhuma outra, pela elevação de sua alma e pela excelência dos dons divinos, Maria não cessa de prodigalizar todos os tesouros de seu amor e de suas ternas atenções à pobre humanidade. Longe de fundamentar-se sobre as exigências de seus direitos e sobre os caprichos de uma altiva dominação, o reinado de Maria só conhece uma aspiração: o pleno dom de si mesma na mais elevada e total generosidade..."(3)

### FLAGRANTE ANALOGIA

O fato de Maria receber todo o culto que antigamente era atribuído a Semíramis e deusas correlatas de outros povos, revela a força do princípio pagão segundo o qual o poder supremo e criador estava intimamente ligado à maternidade. Daí, nada melhor do que o símbolo de uma mulher para representar tal poder. A esse respeito escreve o ilustre gramático e historiador brasileiro, Eduardo Carlos Pereira: "Prende-se o culto de **dulia** e **hiperdulia**, ao culto dos heróis e semideus do paganismo. A analogia é flagrante. Com especialidade o culto da Virgem-Mãe, filia-se, de seguro, à paganíssima corrente naturalística das religiões antigas. É o culto da mulher na dupla idealização de **virgem** e de mãe. O seu protótipo, como mãe, temo-la em Cibele ou Rhea, esposa de Saturno, filha do Céu e da Terra, a Mãe dos Deuses, a Boa Deusa, a Rainha dos Céus; como virgem, em Vesta, que se apresenta como uma das transmutações mitológicas da própria Cibele; donde as Vestais, que, em perpétua

virgindade, deviam manter sempre aceso o fogo sagrado...”<sup>(4)</sup>

Embora Roma papal não dê à Maria o título de deusa, como o fazia Roma imperial às suas divindades maternas, Maria tem sido honrada como tal. Ela é a divindade mais frequentemente invocada, mais fervorosamente amada, mais devotamente adorada, e em quem se deposita mais esperança do que no Deus Pai, no Deus Filho e no Deus Espírito Santo. Diversos papas “infalíveis” (!) têm reconhecido em Maria poderes onipresentes, oniscientes e onipotentes, que são atributos naturais ou morais exclusivamente do Deus Triuno. Como exemplo, Gregório XVI, em 1841, ensinou que a Virgem visita o purgatório todos os sábados, para livrar dele certas almas privilegiadas. Nas “Glórias de Maria”, de Santo Alfonso de Ligorio, lê-se: “Sim, Maria, TU ÉS ONIPOTENTE... porque segundo toda a lei, a Rainha deve gozar os MESMOS PRIVILÉGIOS que o Rei. Devendo, pois, a mãe ter o mesmo poder que tem o Filho, com razão Jesus, que é onipotente, a fez onipotente; mas com a diferença de ser o Filho onipotente por sua natureza, e a mãe onipotente por graça”<sup>(5)</sup>. E Bernardino de Siena registrou: “Todas as coisas são sujeitas ao império da Virgem. ATÉ MESMO O PRÓPRIO DEUS.”<sup>(6)</sup> O Concílio Vaticano II pronunciou-se sobre Maria nos seguintes termos: “Remida de um modo sublime, em atenção aos méritos de seu Filho, e unida a Ele por um estreito e indissolúvel vínculo, foi enriquecida com a sublime missão e dignidade de Mãe de Deus Filho; é, por isso, filha predileta do Pai e templo do Espírito Santo, e, por este insigne dom da graça, leva vantagem a todas as demais criaturas.”

A Igreja Romana define o relacionamento de Maria com a Trindade como segue: “Maria e o Pai

- Por ser mãe do Redentor, Maria tem, com o Pai Celeste, especial relacionamento: a) de semelhança, pois ambos geraram o mesmo Filho. Maria ‘acreditando e obedecendo, gerou na terra, sem ter conhecido varão, o Filho do Eterno Pai’. Os dois, e somente os dois, podem chamar de filho a Segunda Pessoa da Trindade. Filha predileta do Pai Celeste, Maria recebe dele, pelos méritos de seu Filho, a graça santificante no mais alto grau jamais concedido a algum ser humano sobre a terra. E é justamente essa graça que nos torna filhos adotivos de Deus. Acima dos homens e dos anjos, a adoção divina de Maria é, certamente, mais perfeita.

“Maria e o Filho - Maria é mãe verdadeira da segunda pessoa da Santíssima Trindade. Tem, com o Filho, relações de consanguinidade. Deu-lhe, o que todas as mães dão a seus filhos. E não é só isso. O Filho de Maria não teve um homem por pai. Por isso, a consanguinidade de Jesus e dela, é perfeita, porque no corpo de ambos circulou o mesmo sangue. Além disso, há a relação de semelhança. O Filho da Virgem Maria, dela recebeu toda a herança biológica. Entre Maria e seu Filho, existiu total parença somática e psicológica, como nunca se deu com nenhuma outra pessoa humana. E no campo espiritual, a semelhança também é decorrente da geração: por causa da plenitude da graça de Jesus, Maria, que o teve em seu ventre, dele recebeu essa plenitude. Há ainda, entre Jesus e Maria, a relação de domínio, que uma mãe exerce normalmente sobre seu filho. E sobre essa submissão de Cristo a Maria, o Evangelho diz claramente: ‘Estava-lhe sujeito’. É por isso que comenta São Bernardo: ‘Que uma mulher possa mandar em Deus, é qual-

quer coisa de incomparável!

“Maria e o Espírito Santo - Diz-nos a Constituição sobre a Igreja, que Maria foi ‘templo do Espírito Santo’. Isto quer dizer: Maria foi morada, foi sacrário da terceira pessoa da Trindade. Toda pessoa em estado de graça santificante, é morada da Trindade, e por apropriação, templo do Espírito Santo, já que a presença na alma humana é atribuição do Divino Espírito Santo. Maria, portanto, cheia de graça, é sem dúvida, templo de Deus. Com justa razão, na Anunciação, o anjo a saúda: ‘O Senhor é contigo’. Mas foi no momento da Encarnação que o Espírito Santo esteve sobre ela de maneira especial. ‘O Espírito Santo descerá sobre ti’, diz o anjo a Maria. E naquele instante estabelece-se um novo tipo de relação entre Maria e a terceira pessoa da Trindade: Maria, pela concepção do Cristo, torna-se Esposa do Espírito Santo”.(7)

### A BÍBLIA E OS EVANGÉLICOS

Que ensina a Palavra de Deus acerca de Maria? “E no sexto mês, foi o anjo Gabriel enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão, cujo nome era José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. E, entrando o anjo aonde ela estava, disse: Salve, agraciada; o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres. E, vendo-o ela, turbou-se muitocom aquelas palavras, e considerava que saudação seria esta. Disse-lhe então o anjo: Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus; e eis que em teu ventre conceberás e darás à luz um filho, e por-lhe-ás o nome de Jesus. Este será grande, e será chamado filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai.”(8)

Mais adiante, ao visitar Isabel, esta lhe diz: “Bendita és tu entre as mulheres, e bendito o fruto do teu ventre...”<sup>(9)</sup> “Disse então Maria: A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador, porque atentou na baixaza da sua serva; pois eis que desde agora todas as gerações me chamarão bem-aventurada, porque me fez grandes coisas o Poderoso; e santo é o seu nome, e a sua misericórdia é de geração em geração sobre os que o temem.”<sup>(10)</sup>

Nenhum cristão bíblico jamais negou a Maria as honras e os privilégios dados por Deus, pelo anjo Gabriel e por Isabel. Mas daí a colocá-la ao mesmo nível de Jesus como co-redentora, é forçar as Escrituras. Ela mesma jamais teve essa pretensão, mas permaneceu humilde, na sua “baixeza” de “serva”. Também seu estado de virgindade terminou após o nascimento de Jesus, pois afirma a Bíblia: “E (José) não a conheceu **ATÉ** que deu à luz seu filho, o **PRIMOGÊNITO**; e pôs-lhe por nome JESUS.”<sup>(11)</sup> Que nos ensina o “até”? Evidentemente, que José a recebeu por mulher e esperou o nascimento de Jesus. Depois José **conheceu** sua esposa, ou seja, passou a viver maritalmente com ela, tendo ela outros filhos, chamados nas Escrituras de irmãos do Senhor. Outra prova do que afirmamos está na palavra “primogênito”, primeiro. Se Maria permanecesse virgem e não gerasse outros filhos, a Escritura teria registrado **unigênito** e não **primogênito**. O fato de Jesus ser chamado na Bíblia de **primogênito** corrobora a assertiva de que Maria deu à luz outro ou outros filhos, como qualquer outra mulher. Da menção do primeiro infere-se a existência de outro ou outros. A doutrina da eterna virgindade de Maria contraria flagrantemente o ensino claro e coerente da Palavra de Deus.

Por outro lado, a glorificação de Maria era totalmente desconhecida na igreja apostólica. Os cristãos a consideravam bem-aventurada, mas somente a Jesus conheciam como Salvador. Lembravam-se do ensino do Mestre quando ensinava a multidão e chegaram “sua mãe e seus irmãos, pretendendo falar-lhe. E disse-lhe alguém: Eis que estão ali fora tua mãe e teus irmãos, que querem falar-te. Porém ele, respondendo, disse ao que lhe falara: Quem é minha mãe? e quem são meus irmãos? E, estendendo a sua mão para os seus discípulos, disse: Eis aqui minha mãe e meus irmãos; porque, qualquer que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, este é meu irmão, irmã e mãe.”<sup>(12)</sup> O maior privilégio de Maria não foi o de ser a mãe do Salvador, mas o permanecer fiel a Ele até à morte, guardando a Palavra de Deus no coração e fazendo a vontade do “Pai que está nos céus”.

### **A BEM-AVENTURANÇA DE MARIA**

Outro incidente que lança mais luz ainda sobre o comportamento de Maria, está registrado no Evangelho de João. “E, faltando o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Não tem vinho. Disse-lhe Jesus: Mulher, que tenho eu contigo? ainda não é chegada a minha hora. Sua mãe disse aos serventes: Fazei tudo quanto ele vos disser.”<sup>(13)</sup> Toda a vida de Maria e as palavras dela registradas na Bíblia são um testemunho eloqüente de sua submissão a Jesus e de sua inteira dependência dele. O ensino dela é: “fazei tudo quanto ele vos disser”, e tudo o que Cristo ensinou pode ser resumido nesta frase por Ele proferida quando orava ao Pai: “E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.”<sup>(14)</sup> Por último, o texto bíblico referente ao período

entre a assunção de Jesus e o Pentecoste: “E, entrando, subiram ao cenáculo, onde habitavam, Pedro e Tiago, João e André, Filipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus, Tiago filho de Alfeu, Simão, o zelador, e Judas, de Tiago. Todos estes perseveravam unanimemente em oração e súplicas, com as mulheres, e Maria mãe de Jesus, e com seus irmãos.”<sup>(15)</sup> Aí está Maria, juntamente com seus filhos, aguardando o cumprimento da “promessa do Pai”, o derramamento do Espírito Santo. Seu nome não encabeça a lista e é aqui mencionado pela última vez nas Escrituras. De acordo com os historiadores do cristianismo, desde a trágica sexta-feira em que Jesus morreu crucificado, e a pedido deste, João tomou Maria, então viúva, e cuidou dela até o final da sua vida.

Os evangélicos, firmados na Palavra de Deus, dão a Maria, mãe do Filho do Homem, lugar que lhe cabe no plano da Salvação, como o fizeram os apóstolos e o próprio Jesus. Mas recusam-se a elevá-la a uma posição nunca por ela almejada e muito menos ocupada. Se Maria soubesse (e felizmente ela não sabe!) das honrarias e homenagens a ela dispensadas pelos católicos romanos e outros religiosos, sentir-se-ia ofendida e triste por tão abominável idolatria e afronta aos sublimes ensinamentos e mandamentos do Salvador por ela tão amado, gerado nela, a mais bem-aventurada das mulheres, por obra e graça do Espírito Santo.

---

(1) Jeremias 7.18; 44.17-19.

(2) Folha da Tarde, S. Paulo, 22 de agosto de 1977.

(3) Idem, cit. Dom Guéranger, *El Año Litúrgico*, Ediciones Aldecoa, Burgos, Espanha, 1956, tomo III, pág. 1064.

- (4) Eduardo Carlos Pereira, O Problema Religioso da América Latina, Empresa Editora Brasileira, S. Paulo, 1920, págs. 350 e 351.
- (5) M.H.Seymour, Noites com os Romanistas, Livraria Evangélica, Lisboa, Portugal, págs. 170-172.
- (6) Delcyr de Souza Lima, Analisando Doutrinas Católicas, Casa Publicadora Batista, 1957, pág. 63.
- (7) Jornal Cidade de Santos, SP, 23 de maio de 1978.
- (8) Lucas 1.26-32.
- (9) Lucas 1.42b.
- (10) Lucas 1.46-50.
- (11) Mateus 1.25.
- (12) Mateus 12.46-50
- (13) João 2.3-5
- (14) João 17.3.
- (15) Atos 1.13,14.

# 10 UMA AFRONTA À FÉ CRISTÃ

*“Mas de ambos os lados estou em aperto, tendo desejo de partir, e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor,” Fp 1.23.*

A igreja Católica Romana concorda com o ensino bíblico quando ensina a existência do céu e do inferno, mas discorda totalmente das Escrituras Sagradas quando admite um purgatório, lugar de tormentos e purificações, onde são detidas as almas daqueles que morrem em graça, em amizade com Deus, mas com a mancha do pecado venial ou com alguma dúvida por pecado não resgatado.

Oficialmente, o catolicismo ensina que é no fogo desse purgatório que as almas dos justos se purificam por meio de horrível sofrimento durante um tempo determinado, a fim de poderem ser admitidas no céu, onde não pode entrar coisa alguma que contamine. Mesmo aqueles que viveram de acordo com os preceitos religiosos e receberam os sacramentos necessitam da purgação de seus pecados leves, como preparação para poderem contemplar a face de Deus.

### **A ORIGEM DA DOCTRINA DO PURGATÓRIO**

O suplício inventado pelo romanismo corresponde perfeitamente ao tártaro da mitologia greco-romana. Era costume pagão colocar na boca dos mortos, antes do sepultamento, uma moeda, para pagamento do Charonte e atravessar na barca deste o Styx e o Acharonte para os Campos Elíseos. O tártaro, na mitologia grega, era a morada subterrânea situada no fundo dos infernos, onde Zeus precipitava aqueles que o haviam ofendido. Os gregos fizeram dele um lugar onde os homens pagavam seus crimes depois da morte, mediante duros castigos.

A conexão entre o purgatório romano e as crenças pagãs pode ser demonstrada através das várias histórias, sendo esta uma delas: depois da morte do papa Bento VIII (1012-1024), um certo cavalheiro

francês, de volta de uma peregrinação a Jerusalém, ao deter-se na Sicília, num lugar próximo ao Etna, ouviu de um eremita o seguinte: este, tendo um dia se aproximado da cratera do vulcão, ouviu o grito das almas que ali estavam sendo atormentadas pelo fogo, bem como a conversação dos demônios, que lastimavam o fato de Santo Odilon, com suas rezas pelos mortos, lhe arrancarem tantas almas.

Esta e muitas outras piedosas fábulas, espalhadas durante séculos, acabaram por dar origem ao dogma do purgatório no Concílio de Florença, em 1439.

### A ARGUMENTAÇÃO ROMANISTA

O Concílio Tridentino definiu o purgatório como um estado de expiação e não de arrependimento. A única base plausível para tal doutrina é uma passagem de Macabeus, segundo volume, livro apócrifo e, por esta razão, rejeitado pelos evangélicos, de cujas Bíblias ele está excluído junta mente com os outros seis (Eclesiástico, Tobias, Judith, Sabedoria, Baruc e I Macabeus) aceitos pela Igreja Romana no mesmo concílio. O ex-padre Hipólito de Oliveira Campos afirma, em seu livro **Roma sempre a mesma**, que referida passagem foi adulterada a fim de justificar a doutrina da oração pelos mortos, base do purgatório. Se assim é, temos um caso típico de falsificação de um livro espúrio para justificar uma doutrina espúria.<sup>(1)</sup>

Em o Novo Testamento, nenhuma passagem vem em socorro dos católicos romanos, embora eles se apeguem, principalmente, a Mt 12.32; I Co 3.15 e Mt 5.26. A primeira delas trata do pecado imperdoável. Este, segundo os romanistas, terá de ser purgado depois da morte, em algum lugar, desde

que não seja o inferno. Acontece que a passagem paralela de Mc 3.29, esclarecendo a de Mateus, afirma: “quem blasfemar contra o Espírito Santo, **nunca mais terá perdão**, pelo contrário, é réu de um pecado eterno.” Desnecessária se toma, portanto, a purgação daquilo que “nunca mais” será perdoado.

A segunda passagem nada tem a ver com a salvação, pois trata especificamente dos galardões. As obras que os salvos fazem serão provadas. Mesmo que todas elas sejam consumidas pelas chamas, o tal será salvo “como pelo fogo”. É como uma casa incendiada em que seu ocupante sai pela janela, salvo, embora tudo o que tenha construído se transforme em cinzas. Daí a recomendação apostólica para se construir com ouro, prata e pedras preciosas, por resistirem ao fogo, e não com feno, palha e madeira, matérias facilmente inflamáveis.<sup>(2)</sup>

A terceira citação: “Em verdade te digo que não sairás dali até pagares o último ceitil”, faz referência à prisão a que um magistrado civil entrega os réus civis. Não apoia, portanto, a doutrina do purgatório.

## O QUE A BÍBLIA ENSINA

Não há na Bíblia Sagrada uma só palavra em abono à doutrina do purgatório. Quando Jesus disse que o pecado contra o Espírito Santo não seria perdoado nem neste mundo e nem no porvir, não estava defendendo a existência de um lugar intermediário, onde certas faltas pudessem ser pagas, mas, sim, ensinando que aquela ofensa à Terceira Pessoa da Trindade não havia de ser perdoada.

A Escritura afirma que nenhuma coisa impura

ou que possa contaminar entrará no céu. “Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor.” O propósito de Deus para o pecador não se limita ao perdão dos pecados, mas provê, para os que nascem de novo, uma obra de santificação progressiva. Assim ensinou o apóstolo São Pedro: “Ora, o Deus de toda a graça, que em Cristo vos chamou à sua eterna glória, depois de terdes sofrido um pouco, ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar.” (3)

O dogma do purgatório, por admitir a insuficiência do sacrifício de Jesus, aproxima-se do credo de alguns universalistas, ensinadores de que não há expiação, cabendo aos homens, portanto, expiarem, eles próprios, suas faltas. É o velho princípio pagão latente em todas as falsas religiões, segundo o qual o próprio homem deve pagar o preço de suas transgressões. O testemunho bíblico é claro: “Mas ele (Jesus) foi transpassado pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados.” (4)

Todo o contexto bíblico acerca da suficiência plena da obra expiatória de Cristo pode ser resumido nestas passagens: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.” (5) “O sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado” e “se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça.” (6) As expressões “todo o pecado” e “toda injustiça”, tão meridianamente claras, garantem ao cristão evangélico que nenhum pecado, venial ou mortal, tenha de ser expiado nas supostas chamas de um suposto purgatório.

## A ESPERANÇA CRISTÃ

A presente vida constitui a única oportunidade de arrependimento dos pecados para obtenção do pleno perdão de Deus. Pela fé em Cristo, segundo as Escrituras, o pecador é salvo e possuidor da vida eterna. Neste estado de fé, tem ele, no seu interior, o glorioso testemunho do Espírito Santo: “Porque o mesmo Espírito testifica, com o nosso espírito, que somos filhos de Deus.” “Aquele que crê no Filho de Deus tem em si mesmo o testemunho... E o testemunho é este, que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho. Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida.” (7)

Quando Jesus, entre a morte e a ressurreição, pregou aos cativos e arrebatou as chaves da morte e do inferno, provou sua suprema autoridade sobre todas as coisas. Depois de dar a sua vida e de tomar a tomá-la, de descer às regiões inferiores da terra e de lá sair vitoriosamente, não é possível imaginar que algum lugar no mundo escape à sua soberania. Por esta razão podia o apóstolo Paulo afirmar: “Tragada foi a morte na vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória?” “Ora, de um e de outro lado estou constrangido, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor.” (8) É evidente que o apóstolo não estava querendo dizer, com o “incomparavelmente melhor”, um estado de horríveis sofrimentos purificadores.

A total bem-aventurança daquele que aceita a mensagem do Evangelho firma-se numa obra completa, perfeita, consumada. Quando a Escritura fala de Cristo como aquele que “pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus”, refere-se,

inclusive, a uma provisão futura, tomando ditosa a partida do crente: “Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem das sua fadigas, pois as suas obras os acompanham.” (9)

---

(1) Macabeus, primeiro livro, 12.42-45.

(2) I Co 3.12-15.

(3) Hb 12.14; I Pe 5 10.

(4) Is 53.5.

(5) Jo 1.29

(6) I Jo 1.7,9.

(7) Rm 8.16; I Jo 5.10-12.

(8) I Co 15.54,55; Ef 4.9; Fp 1.23; Ap 1.18.

(9) Hb 7.25; Ap 14.13.

# 11 INOVAÇÕES E REFORMA

*“Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos dias apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios, ” I Tm 4.1*

No ano 312 A.D., Constantino, filho de Constâncio Cloro, marcha com um insignificante exército contra Maxêncio, seu concorrente ao trono imperial que lhe declarara guerra. Admitindo-se sem quaisquer condições de vencer um inimigo muitas vezes mais poderoso, ele invoca o Deus dos cristãos, pedindo o milagre da vitória. Enquanto se preparava para a batalha, consta ter aparecido a ele e aos seus legionários uma cruz no sol, sobre a qual lia-se: “in hoc signo vinces”. Durante a renhida luta, Maxêncio afogou-se no Tibre e seus soldados foram derrotados. Para Constantino essa vitória devia-se à ajuda de Cristo e, agradecidamente, nesse mesmo ano publica um edito, em Milão, onde declara: “Queremos que todo aquele que deseja seguir a religião cristã possa fazê-lo sem temor algum de ser inquietado.”<sup>(1)</sup>

Essa medida não encontrava precedentes na história de Roma, e dessa data em diante o Imperador toma-se cada vez mais protetor do cristianismo, chegando mesmo a convocar e presidir um Concílio ecumênico cristão em Nicéia, no ano 325. Contudo, longe de viver os ensinamentos de Cristo, ele preocupou-se mais em conciliar as filosofias greco-romanas com a doutrina cristã, deixando-se batizar somente às vésperas da sua morte, em 337 A.D.

Não erraremos, portanto, se considerarmos o ano 312 A.D. como o marco principal na paganização da igreja romana. Esta, àquela altura, já estava desviada do princípio bíblico da **justificação pela fé**, e por isso era chamada, desde o ano 251 A.D., igreja irregular, juntamente com outras que haviam adotado as heresias da **regeneração batismal** e **batismo infantil**.<sup>(2)</sup>

Com a suposta conversão do Imperador, inúmeras

crenças pagãs foram admitidas na igreja, pois a multidão dos novos adeptos não regenerados forçou a cristianização de práticas e costumes estranhos ao Novo Testamento. Em poucos anos a apostasia transformou a igreja numa poderosa organização religiosa aliada ao Império e a serviço deste.

Quando a Bíblia diz que “um abismo chama outro abismo”<sup>(3)</sup>, está ela confirmando uma experiência milenar: Um erro exige sempre um outro erro, numa interminável seqüência que só pode conduzir à confusão total. Assim começou a acontecer no IV século, a despeito da peremptória advertência apostólica: “... ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema.”<sup>(4)</sup>

Vejamos algumas inovações aceitas pela Igreja de Roma, a partir de meados do século IV:

O Imperador Valentiniano, em 366, decreta a supremacia da Jurisdição Eclesiástica de Roma. Nectário, bispo de Constantinopla, institui, em 390, a “Confissão Auricular”. Em 397 o Concílio de Cartago, no Cânon 29, estabelece que o sacerdote deve realizar o “culto” em jejum. No ano 400, no Concílio de Toledo, é dado ao bispo de Roma, pela primeira vez, o título de “papa”. No ano 500 começa a ser tolerada as imagens dos santos nas igrejas. Em 528, Felix IV, bispo de Roma, institui o rito da “extrema-unção”; e neste mesmo ano Benedito de Mursa funda a ordem dos beneditinos. Por essa mesma época, transformou-se na festa de Purificação de Maria a festa das Lupercálias, do paganismo, na qual em Roma se levava a efeito uma marcha de archotes ao Palatino, com o intuito de suplicar a colheita de frutas. Começa-se também o costume de

deixar nos templos os presentes votivos em prol da cura de enfermidades ou pela realização de desejos.

No ano 600, Gregório I introduziu o nome da “Virgem” nas “litanias” com “ora pro nobis”. Compôs o ofício da missa, uniformizou o culto nas igrejas ocidentais e estabeleceu o uso universal da língua latina. De todas essas regulamentações, surgiu o uso do incenso, das relíquias dos santos, das velas e a oficialização das imagens através de quadros e estátuas. A obra de Gregório é consumada em 610 por Bonifácio III, ao substituir no “panteom de Roma” as divindades do Paganismo pelos chamados “santos”. Em 615 é instituída a tonsura sacerdotal. Em 709 começou o costume de beijar os pés do papa. Em 740, Gregório III recomenda a absolvição do penitente após a confissão. Em 752, Estêvão II, bispo de Roma, foi o primeiro papa a ser conduzido processionalmente sobre um andor.

Em 754 o Concílio de Constantinopla **condena** a adoração de imagens e a invocação da virgem e dos santos; em 769 o Concílio de Roma **anatematiza** o Concílio de Constantinopla e **manda** que se venerem as imagens. Em 871 o sino é oficializado nas igrejas do Oriente; em Roma era ele usado desde o ano 604. A água benta surgiu em 850. Em 884, Adriano III institui a “canonização dos santos”. Em 965, João XIII institui o **costume** de batizar os sinos. O papa Gregório VII, em 1075, ordenou a todos os bispos, prelados e demais clérigos que abandonassem suas mulheres e filhos. O Concílio Letenense confirma a “lei do celibato” para os sacerdotes, decretada por Calixto II. Em 1227, Honório III faz modificações no culto ordenando a “elevação e adoração da hóstia”.

A proibição da leitura da Bíblia pelos leigos foi decretada em 1229, no Concílio de Toulousa. Em 1230, foi introduzido nas igrejas o uso do rosário, usado na Índia e no Islã como corrente de preces. No século XIU São Domingos introduz a reza do rosário. Em 1231 o papa Gregório IX ordena o uso da campainha no culto. O Concílio de Leão, em 1245, prescreve aos cardeais o uso de capas escarlates, bem como chapéus encarnados, para demonstrarem que estão prontos para verter o próprio sangue. Em 1264 o papa Urbano IV, institui a festividade de “Corpus Cristi” e a respectiva oitava, fundamentando-se em uma revelação obtida por uma freira. Com isso teve início a evolução da doutrina conhecida com o nome de “eucaristia”. Em 1414 o Concílio de Constança estabelece a proibição de que se dê aos leigos o cálix na santa ceia. Por isso o fiel católico-romano passou a comungar numa só espécie: a hóstia, simulacro do pão.

O Concílio de Florença, em 1439, estabelece que são sete os sacramentos da Igreja Romana. Nesse mesmo ano, o Concílio de Basileia declarou ser contrária à fé cristã a doutrina da Imaculada Conceição. A Igreja de Roma condenou formalmente esse Concílio. Em 1476, por ordem do papa Sixto IV, foi solenemente festejada, pela primeira vez, a “Imaculada Conceição” de Maria. O mesmo papa, em 1478, teria autorizado a instituição da “Santa Inquisição”, atendendo conselho do arcebispo de Sevilha. Entre 1515 e 1517, por ordem de Leão X, foi oficialmente instituída a venda de indulgências, que deu origem à Reforma Protestante. Em 1545, no Concílio de Trento, pela primeira vez a Igreja Romana coloca a Tradição em pé de igualdade com a Escritura Sagrada, e junta a esta os sete livros apócrifos (não inspirados por Deus).

Depois de uma ligeira pausa, em virtude das fortes críticas protestantes, o papa Pio XI, em 1854, decreta o dogma da “Imaculada Conceição” de Maria e, em 1870, o Concílio do Vaticano aprovou e decretou a doutrina da “infallibilidade do papa”.

O quadro cronológico exposto acima representa apenas uma síntese daquilo que a História apresenta. O assunto, com mais detalhes, pode ser encontrado no livro “Libertação”, de Thomaz Moldero. Convém acrescentar ainda a origem de pelo menos mais dois costumes romanistas: as quatorze cenas da última paixão de Cristo nas igrejas, sobretudo nas ruas, têm a sua origem no culto egípcio de Ísis, deusa correlata à Semíramis de Babilônia, a auréola dos santos, dos anjos e de Cristo já existia, séculos antes de Cristo, na Índia, na Pérsia, no Egito e em Babilônia. (5)

A palavra de Deus previu o aparecimento das inovações na Igreja Cristã: “Mas o Espírito expressamente diz nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios...” (6) E no Apocalipse, ao tratar da condenação da falsa igreja, faz Jesus esta solene admoestação: “Sai dela, meu povo, para não serdes cúmplices dos seus pecados, e para não vos atingir parte das suas pragas; porque os seus pecados se amontoaram até atingirem o céu, e Deus se lembrou das suas iniquidades.” (7)

---

(1) E. B. de Loménie, A Igreja e o Estado, Livraria Editora Flamboyant, S. Paulo, 1958, pág. 20.

(2) J. S. Carroll, O Rastro de Sangue, Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, pág. 14.

(3) Salmo 42.7.

- (4) Gálatas 1.8.
- (5) Wladimir Lindenberg, Mistério do Encontro, Melhoramentos, S. Paulo, 1962, págs. 87 e 88.
- (6) I Timóteo 4.1.
- (7) Apocalipse 18.4,5 (Frei Mateus Hoepers).

**12**  
**PAPA**  
**NÃO É**  
**INFALÍVEL**

*“Maldito o homem que confia no homem, e faz  
da carne o seu braço, e aparta o seu coração do  
Senhor,” Jr 17.5.*

Josip Jurai Strossmayer (1815-1905), prelado croata e bispo de Djacovo (1849), um dos grandes estimuladores do movimento iugoslavo, fundador em 1874 da Universidade de Zagreb, pronunciou durante o célebre Concílio do Vaticano, em 1870, o seguinte discurso, opondo-se corajosamente à infalibilidade do papa:

Veneráveis padres e irmãos:

Não sem temor, porém, com uma consciência livre e tranqüila, ante Deus que nos julga, tomo a palavra nesta augusta assembléia.

Prestei toda a minha atenção aos discursos que se pronunciaram nesta sala, e anseio por um raio de luz que, do alto, ilumine a minha inteligência e me permita votar os cânones deste Concílio Ecumênico, com perfeito conhecimento de causa.

Compenetrado da minha responsabilidade, pela qual Deus me pedirá contas, estudei com a mais escrupulosa atenção os escritos do Antigo e do Novo Testamento, e interoguei esses Veneráveis monumentos da Verdade: se o pontífice que preside aqui é verdadeiramente o sucessor de São Pedro, vigário do Cristo e infalível doutor da Igreja.

Transportei-me aos tempos em que ainda não existiam o ultramontanismo e o galicanismo, em que a Igreja tinha por doutores: S. Paulo, S. Pedro, S. Tiago e S. João, aos quais não se pode negar a autoridade divina, sem pôr em dúvida o que a santa Bíblia nos ensina, santa Bíblia que o Concílio de Trento proclamou como a Regra da Fé e da Moral. Abri essas sagradas páginas e sou obrigado a dizer-vos: nada encontrei que sancione, próxima ou remotamente, a opinião dos ultramontanos! E maior é a minha surpresa quando, naqueles tempos apostólicos, nada há que fale de papa sucessor de S. Pedro e vigário de Jesus Cristo!

Vós, monsenhor Manning, direis que blasfemo; vós, monsenhor Pio, direis que estou demente! Não, monsenhores; não blasfemo, nem perdi o juízo! Tendo lido todo o Novo Testamento, declaro, ante Deus e com a mão sobre e crucifixo, que nenhum vestígio encontrei do papado.

Não me recuseis a vossa atenção, meus veneráveis irmãos! com os vossos murmúrios e interrupções justificais os que dizem, como o padre Jacinto, que este Concílio não é livre; se assim for, tendes em vista que esta augusta assembléia, que prende a atenção de todo o mundo, cairá no mais terrível descrédito.

Agradeço a S. Ex., o monsenhor Dupanloup, o sinal de aprovação que me faz com a cabeça; isso me alenta e anima prosseguir.

Lendo, pois, os santos livros, não encontrei nelles um só capítulo, um só versículo que dê a São Pedro a chefia sobre os apóstolos.

Não só o Cristo nada disse sobre esse ponto, como, ao contrário, prometeu tronos a todos os apóstolos (Mateus, cap. 19 v. 28), sem dizer que o de Pedro seria mais elevado que os dos outros!

Que diremos do seu silêncio?

A lógica nos ensina a concluir que o Cristo nunca pensou em elevar Pedro à chefia do Colégio Apostólico.

Quando Cristo enviou os seus discípulos a conquistar o mundo, a todos igualmente - deu o poder de ligar e desligar, a todos - igualmente - fez a promessa do Espírito Santo.

Dizem as Santas Escrituras que até proibiu a Pedro e a seus colegas de reinarem ou exercerem senhorio (Lucas 22.25,26).

Se Pedro fosse eleito papa, Jesus não diria isso, porque, segundo a nossa tradição, o papado tem

uma espada em cada mão, simbolizando os poderes espiritual e temporal.

Ainda mais: se Pedro fosse papa ou chefe dos apóstolos, permitiria que esses seus subordinados o enviassem, com João, à Samaria, para anunciar o evangelho do Filho de Deus? (Atos, c.13, v. 14).

Que direis vós, veneráveis irmãos, se nos permitíssemos, agora mesmo, mandar Sua Santidade Pio IX, que aqui preside, e Sua Eminência, Monsenhor Plantier, ao Patriarca de Constantinopla, para convencê-lo de que deve acabar com o cisma do Oriente?

O símile é perfeito, haveis de concordar.

Mas temos coisa ainda melhor:

Reuniu-se em Jerusalém um concílio ecumênico para decidir questões que dividiam os fiéis.

Quem devia convocá-lo? Sem dúvida Pedro, se fosse papa. Quem devia presidi-lo? Por certo que Pedro. Quem devia formular e promulgar os cânones? Ainda Pedro, não é verdade? Pois bem: nada disso sucedeu! Pedro assistiu ao concílio com os demais apóstolos, sob a direção de São Tiago! (Atos, cap. 15).

Assim, parece-me que o filho de Jonas não era o primeiro, como sustentais.

Encarando agora por outro lado, temos: enquanto ensinamos que a Igreja está edificada sobre Pedro, S. Paulo (cuja autoridade devemos todos acatar) diz-nos que ela está edificada sobre o fundamento da fé dos apóstolos e profetas, sendo Jesus Cristo a principal pedra do ângulo. (Epístola aos Efésios, cap. 2, v.20).

Esse mesmo Paulo, ao enumerar os ofícios da Igreja, menciona apóstolos, profetas, evangelistas e pastores; e será crível que o grande apóstolo dos gentios se esquecesse do papado, se o papado existisse?

tisse? Esse olvido me parece tão impossível como o de um historiador deste concílio que não fizesse menção de Sua Santidade Pio IX.

(Apartes: Silêncio, herege! Silêncio!)

Calmai-vos, veneráveis irmãos, porque ainda não concluí. Impedindo-me de prosseguir, prova-reis ao mundo que sabeis ser injustos, tapando a boca do mais pequeno membro desta assembléia. Continuarei:

O apóstolo Paulo não faz menção, em nenhuma das suas epístolas, às diferentes Igrejas, da primazia de Pedro; se essa existisse e se ele fosse infalível como quereis, poderia Paulo deixar de mencioná-la, em longa epístola sobre tão importante ponto?

Concordai comigo: a Igreja nunca foi mais bela, mais pura e mais santa que naqueles tempos em que não tinha papa. (Apartes: Não é exato; não é exato!)

Por que negais, Monsenhor de Lavai? Se algum de vós outros, meus veneráveis irmãos, se atreve a pensar que a Igreja, que hoje tem um papa (que vai ficar infalível), é mais firme na fé e mais pura na moralidade que a Igreja Apostólica, diga-o abertamente ante o Universo, visto como este recinto é um centro do qual as nossas palavras voam de polo a polo!

Calai-vos? Então continuarei:

Também nos escritos de S. Paulo, de S. João, ou de S. Tiago, não descubro traço algum do poder papal! S. Lucas, o historiador dos trabalhos missionários dos apóstolos, guarda silêncio sobre tal assunto!

Isso deve preocupar-vos muito.

Não me julgueis um cismático!

Entrei pela mesma porta que vós outros; o meu

título de bispo deu-me direito a comparecer aqui, e a minha consciência, inspirada no verdadeiro cristianismo, me obriga a dizer-vos o que julgo ser verdade.

Pensei que, se Pedro fosse vigário de Jesus Cristo, ele não o sabia, pois que nunca procedeu como papa: nem no dia de Pentecoste, quando pregou o seu primeiro sermão, nem no Concílio de Jerusalém, presidido por S. Tiago, nem na Antioquia, e nem nas Epístolas que dirigiu às igrejas. Será possível que ele fosse papa sem o saber?

Parece-me escutar de todos os lados: pois São Pedro não esteve em Roma? Não foi crucificado de cabeça para baixo? Não existem os lugares onde ensinou e os altares onde disse missa nessa cidade?

E eu responderei: só a tradição, veneráveis irmãos, é que nos diz ter S. Pedro estado em Roma; e como a tradição é tão somente a tradição da sua estada em Roma, é com ela que me provareis o seu episcopado e a sua supremacia?

Scalígero, um dos mais eruditos historiadores, não vacila em dizer que o episcopado de S. Pedro e a sua residência em Roma se devem classificar no número das lendas mais ridículas! (Repetidos gritos e apartes: Tapai-lhe a boca, fazei-o descer dessa cadeira!)

Meus veneráveis irmãos, não faço questão de calar-me, como quereis, mas não será melhor provar todas as coisas como manda o apóstolo, e crer só no que for bom? Lembrai-vos que temos um ditador ante o qual todos nós, mesmo Sua Santidade Pio IX, devemos curvar a cabeça: esse ditador, vós bem o sabeis, é a História!

Permiti que repita: folheando os sagrados escritos não encontrei o mais leve vestígio do papado

nos tempos apostólicos!

E, percorrendo os anais da Igreja, nos quatro primeiros séculos, o mesmo me sucedeu!

Confessar-vos-ei que o que encontrei foi o seguinte:

Que o grande Santo Agostinho, bispo de Hipona, honra e glória do cristianismo e secretário no Concílio de Melive, nega a supremacia ao bispo de Roma.

Que os bispos de África, no sexto Concílio de Cartago, sob a presidência de Aurélio, bispo dessa cidade, admoestavam a Celestino, bispo de Roma, por supor-se superior aos demais bispos, enviando-lhes comissionados e introduzindo o orgulho na Igreja.

Que, portanto, o papado não é instituição divina.

Deveis saber, meus veneráveis irmãos, que os padres do Concílio de Calcedônia colocaram os bispos da antiga e nova Roma na mesma categoria dos demais bispos.

Que aquele sexto Concílio de Cartago proibiu o título de “Príncipe dos Bispos”, por não haver soberania entre eles.

E que S. Gregório I escreveu estas palavras, que muito aproveitam à tese: - Quando um patriarca se intitula “Bispo Universal”, o título de patriarca sofre incontestavelmente descrédito. Quantas desgraças não devemos esperar, se entre os sacerdotes se suscitarem tais ambições?

Esse “bispo” será o rei dos orgulhosos! - (Pelágio II, Cett. 13).

Com tais autoridades e muitas outras que poderia citar-vos, julgo ter provado que os primeiros bispos de Roma não foram reconhecidos como bispos universais ou papas, nos primeiros séculos do cris-

tianismo.

E, para mais reforçar os meus argumentos, lembrarei aos meus veneráveis irmãos que foi Osio, bispo de Córdova, quem presidiu ao primeiro Concílio de Nicéia, redigindo os seus cânones; e que foi ainda esse bispo que, presidindo ao Concílio de Dardica, excluiu o enviado de Júlio, bispo de Roma!

Mas, da direita me citam estas palavras do Cristo - Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja.

Sois, portanto, chamados para este terreno.

Julgais, veneráveis irmãos, que a rocha ou pedra sobre que a Santa Igreja está edificada, é Pedro; mas permiti que eu discorde desse vosso modo de pensar.

Diz S. Cirilo, no seu quarto livro sobre a Trindade: “A rocha ou pedra de que nos fala Mateus, é a fé imutável dos apóstolos.”

S. Olegário, bispo de Poitiers, em seu segundo livro sobre a Trindade, repete: Que aquela pedra é a **rocha da** fé confessada pela boca de São Pedro. E, no seu sexto livro, mais luz nos fornece, dizendo: É sobre esta **rocha** da confissão da fé que a Igreja está edificada.

S. Jerônimo, no sexto livro, sobre S. Mateus, é de opinião que Deus fundou a sua Igreja sobre a rocha ou pedra que deu o seu nome a Pedro.

Nas mesmas águas navega S. Crisóstomo quando, em sua homília 56 a respeito de Mateus, escreve: - Sobre esta rocha edificarei a minha Igreja: e esta rocha é a confissão de Pedro.

E eu vos perguntarei, veneráveis irmãos, qual foi a confissão de Pedro?

Já que não me respondeis, eu vô-la darei: “Tu és o Cristo, o Filho de Deus.”

Ambrósio, o santo Arcebispo de Milão, S. Basílio de Seleucia e os padres do Concílio de Calcedônia ensinam precisamente a mesma coisa.

Entre os doutores da antiguidade cristã, Santo Agostinho ocupa um dos primeiros lugares, pela sua sabedoria e pela sua santidade. Escutai como ele se expressa sobre a primeira epístola de S. João: Edificarei a minha Igreja sobre esta rocha, significa claramente que é sobre a fé do Pedro.

- No seu tratado 124, sobre o mesmo São João, encontra-se esta significativa frase: Sobre esta rocha, que acabais de confessar, edificarei a minha Igreja; e a rocha era o próprio Cristo, Filho de Deus.

Tanto esse grande e santo bispo não acreditava que a Igreja fosse edificada sobre Pedro, que disse em seu sermão n° 13: - Tu és Pedro, e sobre essa rocha ou pedra que me confessaste, que reconheceste, dizendo: **Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo**, edificarei a minha Igreja, sobre mim mesmo; pois sou o Filho do Deus vivo. Edificarei sobre mim mesmo, e **não sobre ti**.

Haverá coisa mais clara e positiva?

Deveis saber que essa compreensão de Santo Agostinho, sobre tão importante ponto do Evangelho, era a opinião corrente do mundo cristão naqueles tempos. Estou certo de que não me contestareis.

Assim é que, resumindo, vos direi:

1 ° - Que Jesus deu aos outros apóstolos o mesmo poder que deu a Pedro.

2° - Que os apóstolos nunca reconheceram em S. Pedro a qualidade de vigário do Cristo e **infallível** doutor da Igreja.

3° - Que o mesmo Pedro nunca pensou ser papa, nem fez coisa alguma como papa.

4° - Que os concílios dos quatro primeiros séculos nunca deram, nem reconheceram o poder e a jurisdição que os bispos de Roma queriam ter.

5° - Que os Santos Padres, na famosa passagem:

- Tu és Pedro, e sobre essa pedra (a confissão de Pedro) edificarei a minha Igreja - nunca entenderam que a Igreja estava edificada sobre Pedro (super petrum), e sim sobre a rocha (super petram), isto é; sobre a confissão da fé do Apóstolo!

Concluo, pois, com a história, a razão, a lógica, que o bom Jesus não deu supremacia alguma a Pedro, e que os bispos de Roma só se constituíram soberanos da Igreja confiscando, um por um, todos os direitos de episcopado! (Vozes de todos os lados! **Silêncio, insolente, silêncio! silêncio!**)

Não sou insolente! Não, mil vezes não!

Contestai a história, se ousais fazê-lo; mas ficai certos de que não a destruireis!

Se avancei alguma inverdade, ensinai-me isso com a História, à qual vos prometo fazer a mais honrosa apologia. Mas compreendi que eu não disse tudo quanto quero e posso dizer. Ainda que a fogueira me aguardasse lá fora, eu não me calaria!

Sede pacientes, como manda Jesus. Não ajunteis a cólera ao orgulho que vos domina!

Disse Monsenhor Dupanloup, nas suas célebres

- Observações - sobre este Concílio do Vaticano, e com razão, que, se declaramos infalível a Pio IX, necessariamente precisamos sustentar que infalíveis também eram todos os seus antecessores. Porém, veneráveis irmãos, com a História na mão, vos provarei que alguns papas falharam.

Passo a provar-vos, meus veneráveis irmãos, com próprios livros existentes na biblioteca deste Vaticano, como é que falharam alguns dos papas

que nos têm governado:

O papa Marcelino entrou no templo de Vesta e ofereceu incenso à deusa do Paganismo. Foi, portanto, idólatra; ou, pior ainda; foi apóstata!

Libório consentiu na condenação de Atanásio; depois, passou-se para o Arianismo.

Honório aderiu ao Monoteísmo.

Gregório I chamava Anticristo ao que se impunha como - Bispo Universal; e, entretanto, Bonifácio III conseguiu do parricida imperador Focas obter este título em 607.

Pascoal II e Eugênio III autorizavam os duelos, condenados pelo Cristo; enquanto que Júlio II e Pio III os proibiram. Adriano II, em 872, declarou válido o casamento civil; entretanto, Pio VII em 1823, condenou-o.

Xisto V publicou uma edição da Bíblia e, com uma bula, recomendou a sua leitura; e aquele Pio VII excomungou a edição.

Clemente XIV aboliu a Companhia de Jesus, permitida por Paulo III; e o mesmo Pio VII a restabeleceu.

Porém, para que mais provas? Pois o nosso Santo Padre Pio IX não acaba de fazer a mesma coisa quando, na sua bula para os trabalhos deste Concílio, dá como revogado tudo quanto se tenha feito em contrário ao que aqui for determinado, ainda mesmo tratando-se de decisões dos seus antecessores?

Até isso negareis?

Nunca eu acabaria meus veneráveis irmãos, se me propusesse a apresentar-vos todas as contradições dos papas, em seus ensinamentos.

Como então se poderá dar-lhes a infalibilidade? Não sabeis que, fazendo infalível Sua Santidade, que presente se acha e me ouve, tereis que negar a

sua falibilidade e a dos seus antecessores?

E vos atrevereis a sustentar que o Espírito Santo vos revelou que a infalibilidade dos papas data apenas deste ano de 1870?

Não vos enganéis a vós mesmos: se decretais o dogma da infalibilidade papal, vereis os protestantes, nossos rancorosos adversários, penetrarem por larga brecha com a bravura que lhes dá a História.

E que tereis vós a opor-lhes? O silêncio, se não quiserdes desmoralizar-vos. (Gritos: É demais; basta!)

Não griteis, Monsenhores! Temer a História, é confessar-vos derrotados! Ainda que pudésseis fazer correr toda a água do Tibre sobre ela, não borraríeis nem uma só das suas páginas! Deixai-me falar e serei breve.

Vergílio comprou o papado de Belisário, tenente do imperador Justiniano. Por isso, foi condenado no segundo Concílio de Calcedônia, que estabeleceu este cânone: - O bispo que se eleve por dinheiro será degradado.

Sem respeito àquele cânone, Eugénio III, seis séculos depois, fez o mesmo que Vergílio e foi reprimido por S. Bernardo, que era a estrela brilhante do seu tempo.

Deveis conhecer a história do papa Formoso:

Estêvão XI fez exumar o seu corpo, com as vestes pontificais; mandou cortar-lhes os dedos e o arrojou ao Tibre. Estêvão foi envenenado; e tanto Romano como João, seus sucessores, reabilitaram a memória de Formoso.

Lede Plotino, lede Barônio, Barônio, o Cardeal! E dele que me sirvo.

Barônio chega a dizer que as poderosas cortesãs vendiam, trocavam e até se apoderavam dos bispados; e, horrível é dizê-lo, faziam papas aos seus amantes!

Genebrardo sustenta que, durante 150 anos, os papas, em vez de apóstolos, foram apóstatas.

Deveis saber que o papa João XII foi eleito com a idade de dezoito anos tão somente; e que o seu antecessor era filho do Papa Sérgio com Marózzia.

Que Alexandre XI era... nem me atrevo a dizer o que ele era de Lucrecia; e que João, o XXII, negou a imortalidade da alma sendo deposto pelo Concílio de Constança.

Já nem falo dos cismas que tanto têm desonrado a Igreja. Volto, porém, a dizer-vos que, se decretais a infalibilidade do atual bispo de Roma, deveis decretar também a de todos os seus antecessores; mas, atrever-vos-eis a tanto? Sereis capazes de igualar a Deus todos os incestuosos, avaros, homicidas e simoníacos bispos de Roma? (Gritos: Descei da cadeira, descei já; tapemos a boca desse herege).

Não griteis, meus veneráveis irmãos. Com gritos nunca me convencereis. A História protestará eternamente sobre o monstruoso dogma da infalibilidade papal; e, quando mesmo todos vós o aproveis, faltará um voto, e esse voto é o meu!

Mas, voltemos à doutrina dos apóstolos:

Fora dela só há erros, trevas e falsas tradições. Tomemos a eles e aos profetas pelos nossos únicos mestres, sob a chefia de Jesus.

Firmes e imóveis como a rocha, constantes e incorruptíveis nas inspiradas Escrituras, digamos ao mundo: assim como os sábios da Grécia foram vencidos por Paulo, assim a Igreja Romana será tam-

bém vencida pelo seu 98! (Gritos clamorosos; abaixo o protestante! abaixo o calvinista! abaixo o calvinista! abaixo o traidor da Igreja!)

Os vossos gritos, Monsenhores, não me atemorizam, e só vos comprometem. As minhas palavras têm calor, mas a minha cabeça está serena. Não sou de Lutero, nem de Calvino, nem de Paulo, e sim tão somente do Cristo. (Novos gritos: anátema! anátema vos lançamos!)

Anátema! Anátema! para os que contrariam a doutrina de Jesus! Ficai certos de que os apóstolos, se aqui comparecessem, vos diriam a mesma coisa que acabo de declarar-vos.

Que lhes diríeis vós, se eles, que predicaram e confirmaram com o seu sangue, lembrando-vos o que escreveram, vos mostrassem o quanto tendes deturpado o Evangelho do amado Filho de Deus? Acaso lhes direis: preferimos a doutrina dos Loiolas à do Divino Mestre?

Não! mil vezes não! A não ser que tenhais tapados os ouvidos, fechando os olhos e embotado a vossa inteligência, o que não creio.

Oh! se Deus quer castigar-nos, fazendo cair pesadamente a sua mão sobre nós, como fez ao Faraó, não precisa permitir que os soldados de Garibaldi nos expulsem daqui; basta deixar que façais de Pio IX um Deus, como já fizestes uma deusa da Virgem Maria!

Evitai, sim, evitai, meus veneráveis irmãos, o terrível precipício a cuja borda estais colocados. Salvai a Igreja do naufrágio que a ameaça, e busquemos todos, nas Sagradas Escrituras, a regra da fé que devemos crer e professar. Digne-se Deus assistir-me. Tenho concluído!

(Todos os padres se levantaram, muitos saíram da sala; porém alguns prelados italianos, americanos, alemães, franceses e ingleses rodearam o inspirado orador e, com fraternais apertos de mão, demonstraram concordar com o seu modo de pensar). <sup>(1)</sup>

---

<sup>(1)</sup> Cit. por F. Paul Peterson, em **Elevação e Queda da Igreja Católica Romana**, São Paulo.

# 13 A AMEAÇA ECUMÊNICA

*“Não vos prendais a um jugo desigual com os infieis; porque, que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas?” 2 Co 6.14.*

De tudo o que aqui tratamos, devem ser extraídas lições práticas para uma conduta sábia, segundo os princípios bíblicos aceitos pelos cristãos primitivos e ainda hoje perfeitamente válidos para a igreja neo-testamentária. Tais princípios excluem quaisquer aproximações com o velho fermento pagão, responsável pela total levedura da Igreja de Roma. O ecumenismo moderno, preconizado pelo Conselho Mundial de Igrejas (CMI) e cujos filiados na sua maior parte demonstram simpatia pelas doutrinas do Vaticano está aos poucos sendo por este absorvido. Basta apontar as igrejas ortodoxas Grega e Russa, filhas de Roma e possuidoras dos mesmos dogmas fundamentais da mãe. Essas igrejas já governam o CMI, por constituírem nele ampla maioria. Mas as conquistas ecumênicas representam apenas parte do caminho a ser andado. O passo seguinte, para o qual muito se tem trabalhado, será integrar Roma no CMI, ou seja, em outras palavras, entregar o CMI a Roma papal. E quando isso acontecer, o caminho para a total apostasia e o advento do Anticristo estará preparado.

O Rev. Alexander David, da Igreja Presbiteriana Reformada, Professor do Seminário Teológico da Fé de Gujranwala, Paquistão, abandonou o CMI e justificou sua atitude alegando, entre inúmeros outros motivos, o de estar aquela entidade dirigida na direção de Roma. Escreveu ele:

“O CMI está nos levando para a Igreja Católica Romana. O seu programa expresso é conseguir a união de todas as denominações protestantes em primeiro lugar, depois com a Igreja Ortodoxa Grega, e finalmente com a Igreja Católica Romana. Por essa razão, a igreja Católica Romana, que era indiferente e até mesmo suspeita no princípio, agora es-

tá demonstrando um profundo interesse pelo CMI. Os seus 15 observadores oficiais foram recebidos em Upsala, em 1968, com calorosos aplausos. Um porta-voz católico romano chegou ao ponto de dizer que esperava o dia em que sua igreja viesse a ser um dos membros do CMI. Por todo o mundo onde o CMI tem as suas filiais, os católicos romanos e protestantes estão cada vez mais se aproximando assim como se unindo em muitos de seus projetos e atividades da igreja. Estão realizando serviços e convenções em conjunto. Em novembro de 1968, realizou-se uma convenção combinada dos católicos romanos e protestantes em Laluchet, Karachi, Paquistão, sendo que os oradores e líderes pertenciam a grupos diferentes: católico romano, anglicano e presbiteriano. No momento atual, os católicos romanos e os paquistaneses fizeram um acordo no sentido de ter uma tradução comum da Bíblia em Urdu, contanto que houvesse duas edições, uma incluindo os livros apócrifos e a outra os excluindo.”

“Essa união com a Igreja Católica Romana será uma grande tragédia para a Igreja Protestante, porque, em consequência, destruirá o testemunho distintivo do Protestantismo. A Igreja Católica Romana não modificou a sua doutrina desde os dias da Reforma do século XVI; pelo contrário, tem feito o acréscimo de muitas tradições e superstições ao seu credo. Portanto, no caso que haja união, a Igreja Protestante será em última instância absorvida em uma Igreja Católica Romana monolítica.” (1)

## NO BRASIL

O movimento ecumênico internacional está lançando aqui suas raízes através do Conselho Nacional de Igrejas, órgão semelhante aos que já existem em outros países. Dele participam a Igreja Luterana, a

Episcopal do Brasil, a Metodista do Brasil, a Brasil, para Cristo, a Cristã Reformada e a Católica Romana.

O ecumenismo continuará exercendo cada vez maior influência, como decorrência natural do estado lastimável de algumas áreas do protestantismo. Já alguns teólogos liberais se movimentam na Europa no sentido de obterem do papa o perdão para Martinho Lutero, pelo “crime” (entre aspas) de afastar-se das heresias romanistas (purgatório, missa, celibato, confissão auricular etc. etc.) e anunciar a mensagem bíblica da justificação pela fé!

Há profecias na Bíblia que falam da formação da futura Babilônia religiosa, que não será somente o Catolicismo Romano atual mas uma organização da qual farão parte outras igrejas apostatadas da fé. Note-se que esta profecia é para os “últimos tempos”, nos quais estamos vivendo.

É fácil perceber o motivo porque certas lideranças se empenham em defesa do ecumenismo. São “líderes” de igrejas destituídas da visão celestial, e por isso buscam posição nessa nova Babel. Por não possuírem uma mensagem para o pecador, apelam para medidas políticas reivindicam soluções coletivas, pregando mesmo uma revolução social pelas armas. Esta a razão pela qual o Conselho Mundial de Igrejas teria financiado movimentos guerrilheiros de libertação da África Negra, facilitando o comunismo na tomada do poder.

Acreditamos na união bíblica, segundo Jo 17.21: “A fim de que todos sejam um; e como és tu, ó pai, em mim e eu em ti; também sejam eles em nós para que o mundo creia que tu me enviaste”. Não se trata, aqui, da comunhão preconizada pelos ecumenistas modernos, mas da Igreja redimida pelo sangue de Cristo, santificada e guiada pelo Espí-

rito Santo. Nela não há lugar para sectarismos ou intolerâncias.

Portanto, não se trata de unidade organizacional, mas espiritual: “o mesmo Deus que opera tudo em todos”. É absurdo interpretar as palavras de Cristo: “para que o mundo creia”, à luz dos métodos e objetivos do CMI. O mundo crê quando homens transformados em novas criaturas testificam que Jesus Cristo transforma o pecador em uma nova criatura, não mediante “palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração de Espírito e de poder”. (2)

O crente autêntico, que não apenas professa o cristianismo mas vive-o cotidianamente, não alimenta separatismo com seus irmãos de fé e nem se prende a jugos desiguais com os infieis. “Se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros”. (3)

É tempo de um maior esforço evangelístico e de mais vigilância nestes dias que antecedem o retorno de Cristo, a fim de não sermos influenciados pela massificadora propaganda conduzida em nosso País pelos ecumenistas, embora sejam eles apenas uma minoria barulhenta. “A nossa comunhão é com o Pai, e com o seu filho Jesus Cristo”. (4)

### SINCRETISMO RELIGIOSO

Segundo o lexicógrafo Aurélio de Holanda Ferreira, sincretismo é a “amalgama de doutrinas ou concepções heterogêneas”, “fusão de elementos culturais diferentes, ou até antagônicos, em um só elemento, continuando perceptíveis alguns sinais originários.” Dentro desta definição julgamos enquadrar a reunião ocorrida em Lisboa, Portugal, em 1977, de líderes do islamismo, budismo, judaís-

mo e catolicismo, com o propósito de pressionar politicamente os governantes, religiosos ou não, dentro de uma linha chamada de ação social.

Do ponto de vista bíblico, é perfeitamente admissível a ocorrência desse tipo de união, considerando-se que as divergências doutrinárias das grandes religiões (incluindo-se o catolicismo paganizado e o judaísmo liberal) são superáveis quando conhecida a sua fonte comum: Babilônia. Esta famosa metrópole do passado foi o sítio onde os descendentes de Noé edificaram uma alta torre em busca de um nome para si e onde Deus lhes confundiu a língua; mais tarde, nos dias dos amorritas, cassitas, arameus e caldeus tornou-se o centro de irradiação do paganismo para todas as nações.

O Apocalipse fala dessa cidade num sentido espiritualmente religioso, como de uma poderosa organização eclesiástica contrária a Deus e perseguidora dos crentes: “porque todas as nações foram enganadas pelas tuas feitiçarias, e nela se achou o sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra”. (5) Os vocábulos “profetas” e “santos” revelam que o “mistério da injustiça” referido por Paulo em II Ts 2.7 já operava no Velho Testamento através das religiões babilônicas.

O encontro de Lisboa não poderia ser mais heterogêneo, pois seus líderes representavam agrupamentos conhecidos na História como radicais, intolerantes e belicosos entre si. Agora esses religiosos dão as mãos e juntos declaram que “ao invés de dividir, podem unir-se e dar grandes motivações às populações e aos homens que decidem.” Um paradoxo somente explicado à luz das profecias bíblicas!

Tais fatos, rodeados de inúmeros outros em todo o mundo, prenunciam a formação da Babilônia dos

últimos dias, a Igreja Mundial. Trata-se de mais um sinal dos tempos a declarar que a volta de Jesus está próxima. “Eis que venho sem demora; guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa”. (6)

## BÍBLIA ROMANISTA

Por outro lado, entidades evangélicas têm sido acusadas de ligações com o CMI e de fazerem a política da Igreja Romana, tais como a Confederação Evangélica do Brasil e a Sociedade Bíblica do Brasil. Esta última, com a publicação do Novo Testamento na Linguagem de Hoje, traduzido por uma comissão especializada constituída de protestantes e católicos, deu mostras de suas simpatias para com o romanismo. Segundo um noticioso paulista, a SBB, no referido Novo Testamento, publicou um texto “enxertado, cortado, onde os modernistas acharam necessário, caricaturado, parodiado, secularizado, papizado... Veja-se a romanização do texto: **‘ESTE É O MEU CORPO...’** e **‘ESTE É O MEU SANGUE’** (em lugar do emprego do pronome demonstrativo neutro **‘ISTO’**), Cf. Mt 26.26,28; Mc 14.22,24, etc. Este absurdo: a introdução do verbo **‘MORRER’** (Mc 14.21), em lugar de um subentendido **‘SER TRAÍDO’**. O corte de **‘RESSUSCITADO’** (Mc 16.14). A doutrina do **LOGOS ETERNO** (João 1.1...) completamente destruída. A tradução fiel à **PALAVRA DE DEUS**: ‘No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus’ (somente para os curiosos e estudiosos: o texto aqui é de Almeida, 1916 - editado em Lisboa).”(7).

O “Jornal Batista” de 10/12/78 publicou um artigo de autoria de Ebenézer Gomes Cavalcanti, sob o título

“Santos Eliminados”, que tomo a liberdade de transcrever:

- Edição evidentemente **ecumenista, forjada** para agradar os idólatras católicos romanos, O NOVO TESTAMENTO NA LINGUAGEM DE HOJE (2ª edição), quando alude a crentes em Jesus Cristo, regenerados pelo Espírito Santo, evita **empregar** a palavra “santos”. A razão é evidente. **Para** a Igreja Romana “santo” é o ídolo fabricado para fins de veneração e adoração. Sem esses bonecos “santificados” para uso da ignorância popular, o Romanismo idolatricamente praticado, perde substância e esvazia-se. Os mentores desse esdrúxulo **Testamento** deveriam parar um pouco para refletir, quaisquer que sejam os seus títulos, seus méritos acadêmicos e sua promoção comercial em **todo** o mundo. **Santo** é o crente, santificado em Cristo Jesus. O Espírito Santo santifica o crente.

Vou dar uma pequena amostragem.

1. “Paulo, chamado pela vontade de Deus, para ser apóstolo de Jesus Cristo, e o irmão Sóstenes, à igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, **chamados para ser SANTOS...**” (I Co 1.1).

ONTNLH: “Eu, Paulo, fui chamado pela vontade de Deus para ser apóstolo de Jesus Cristo. Junto com o irmão Sóstenes, escrevo esta carta à Igreja de Deus na cidade de Corinto, isto é, **a todos** aí que, pela união com Cristo, são chamados **para ser povo de Deus...**”

Suprimiu-se a expressão: “para ser santos”. Essa conversa fiada de “povo” de Deus, é o conceito modernista de Hans Küng, autor católico moder-

nista de “A Igreja” (2 volumes, Moraes Ed., Lisboa, 1969). Ora, “povo de Deus” no V.T. é Israel, e no N.T. são os crentes, mas não no conceito de Igreja-Comunidade, Igreja-Mundo, Igreja-Católica a que pertencia o facinoroso Lampião...

1. Em Colossenses 1.2 Paulo escreve aos “**santos**” e fiéis irmãos em Cristo Jesus...”.

A paráfrase ecumênica (ONTNLH) torce o texto assim: “escrevo esta carta ao povo de Deus...”

2. Em Atos 9.13, Ananias argumenta com Deus: “... quantos males tem feito AOS TEUS SANTOS em Jerusalém” (At 9.13).

ONTNLH tem pavor a santo verdadeiro. E grafa: “aos que acreditam no Senhor”.

3. Paulo confessa (At 26.10): “...encerrei muitos dos santos nas prisões...”.

ONTNLH torce: “... e prendi muita gente do povo de Deus”.

Chega. Não tenho bom estômago para suportar tanta deturpação.

Colecionei e transcrevi todas as passagens para atender, oportunamente, aos que me pedirem a razão da esperança que nutro na maravilhosa graça de Jesus que transforma pecadores em “santos”, sem mérito algum da parte dos santificados.

Se o crente em Jesus não é um SANTO, santificado pelo Espírito Santo, segundo as Escrituras, então por que os autores de ONTNLH não desistem de ocupar-se da Bíblia? No Apocalipse os crentes são chamados “santos”. E é desse livro a advertência do capítulo 22.18,19.

Querem anarquizar a nossa Santa Bíblia.

Então ouçam: Quem faz injustiça, faça-a ainda; quem é justo, justifique-se ainda, e quem é SANTO, SANTIFIQUE-SE AINDA (Ap 21.11). E não esquecer: “quem é sujo, suje-se ainda”. Está no

texto santo.

\*\*\*

Segundo um periódico evangélico, em agosto de 1977 “reuniu-se em Brasília, DF, sob a presidência do pr. Joanyr de Oliveira, a Junta Executiva da Sociedade Bíblica do Brasil que, entre outros assuntos, discutiu a viabilidade da publicação, por aquela Sociedade, dos livros apócrifos. O sr. Joanyr de Oliveira manifestou sua total desaprovação à iniciativa e afirmou ser esta a posição das igrejas conservadoras. (8)

Que significa o fato de uma instituição protestante, de enorme influência no meio evangélico, chegar ao ponto de servir aos intentos do romanismo paganizado, senão por influência de um movimento internacional coordenado por instituições nacionais ou continentais, direta ou indiretamente subordinado ao Conselho Mundial de Igrejas? A pregação deste tem por objetivo o estabelecimento na terra de uma só igreja (sincretismo religioso: cristãos, budistas, confucionistas, mulçumanos etc. etc., todos no mesmo barco!) e de um só governo para o mundo, bem ao sabor do Anticristo.

### **ROMA NÃO MUDOU**

Não é nova a tentativa da Igreja Romana de trazer de volta ao seu seio os “hereges” ou, na linguagem ecumênica moderna, os “irmãos separados”. Já no Concílio de Trento, realizado de 1545 a 1563, no qual foram definidos os dogmas católicos, quis o papado a participação dos reformadores no conclave.

Antes de Lutero, Roma não dialogava com os cristãos dissidentes, mas fazia prevalecer a sua férrea autoridade. De 1200 a 1250 ela exterminou um milhão de albigenses. Depois queimou na fogueira

a Savanarola, Huss, Jerônimo de Praga e milhares de outros. E após o Concílio Tridentino, em 24 de agosto de 1572, na trágica noite de São Bartolomeu, cerca de 100 mil huguenotes (protestantes franceses) pereceram na França da maneira mais selvagem possível, ao ponto de as ruas de Paris ficarem juncadas de cadáveres e o Sena correr vermelho!

Da parte do Vaticano, nenhum passo foi dado em direção ao protestantismo, desde a Reforma. Pelo contrário, novas doutrinas, igualmente antibíblicas, foram incorporadas ao credo católico-romano: imaculada conceição de Maria (1854), infalibilidade papal (1870) etc. E o papa Paulo VI reafirmou, em mais de uma ocasião, a fidelidade da igreja a todos os seus dogmas.

Está claro que Roma não mudou. Ela permanece sempre a mesma: **semper eaden**. Mas algumas igrejas protestantes mudaram. E ao afastarem-se da sã doutrina dos apóstolos, foram atraídas por Roma, em cuja órbita estão entrando. Acabarão elas, finalmente, absorvidas pelo romanismo, pois “um abismo chama outro abismo”<sup>(9)</sup> E a formação da grande Babilônia de Apocalipse 18: “morada de demônios, covil de toda espécie de espírito imundo e esconderijo de todo gênero de ave imunda e detestável.”

Sem dúvida, vivemos no estertor da História, e a criação do Conselho Permanente de Igrejas no Brasil é cumprimento da Palavra de Deus. “Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina... e desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas.” “A noite é passada, e o dia é chegado. Rejeitemos pois as obras das trevas, e vistamo-nos das armas da luz.”<sup>(10)</sup>

## UMA SOLENE ADVERTÊNCIA

Ao tratar da condenação da grande Babilônia, “a mãe das prostituições e das abominações da terra”, o Apocalipse faz uma advertência solene: “Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas. Porque já os seus pecados se acumularam até ao céu, e Deus se lembrou das iniquidades dela.” Mas a advertência divina do Apocalipse é a mesma de Jeremias, dada a Judá uns 600 anos antes de Cristo: “Fugi do meio da Babilônia, e livre cada um a sua alma: não vos destruais a vós na sua maldade; porque este é tempo de vingança do Senhor; ele lhe dará a sua recompensa.”<sup>(1)</sup> E significativo o fato de o Senhor Jesus identificar Roma papal com Babilônia. Este fato sugere-nos uma identificação espiritual, uma semelhança dogmática entre as duas grandes cidades. Saliente-se que João não estava falando da capital dos césores dos seus dias, mas antevia a capital “espiritual” dos séculos futuros, de onde nasceria a intolerância religiosa, a Inquisição, a Contra-Reforma, a matança dos Huguenotes (protestantes franceses) etc. responsável, segundo alguns historiadores, pelo martírio de cerca de 50 milhões de pessoas!

Em resumo, Apocalipse 17 descreve Babilônia como um poder tanto político como espiritual, cheio de imundícia, fornicação e nomes de blasfêmia. As cores do papado são as mesmas de Babilônia: púrpura e escarlate, representativas de Satanás e do Antideus. Em Isaías esta cidade está asso ciada a demônios e ao próprio Lúcifer, o usurpador; no Apocalipse ela é identificada como “morada de demônios, e coito de todo o espírito imundo, e coito

de toda a ave imunda e aborrecível.”<sup>(12)</sup> A semelhança da linguagem não deixa dúvidas quanto ao ser Roma, nesta Era Cristã, a encarnação da velha Babilônia com todos os seus ritos, dogmas e mistérios satânicos.

“Que comunhão tem a luz com as trevas?”<sup>(13)</sup> Como filhos da luz, apartemo-nos das obras das trevas, das tradições babilônicas tão veementemente condenadas por Deus, mesmo que estejam rotuladas de cristãs. O disfarce não altera o abominável conteúdo e suas origens diabólicas.

---

(1) O Presbiteriano Bíblico, S. Paulo, dezembro de 1969 a maio de 1970.

(2) I Coríntios 12.6; 2.4.

(3) I João 1.7.

(4) I João 1.3.

(5) Apocalipse 18.23,24.

(6) Apocalipse 3.11.

(7) O Presbiteriano Bíblico, São Paulo.

(8) A Seara, nº 149, agosto de 1977, CPAD, Rio, RJ.

(9) Salmo 42.7.

(10) II Timóteo 4.3,4; Romanos 13.12.

(11) Apocalipse 18.4,5; Jeremias 51.6.

(12) Apocalipse 18.2.

(13) II Coríntios 6.14.

**U**sando argumentos claros e convincentes, este livro mostra que, entre os mais sutis ataques à fé cristã, destaca-se o paganismo de origem babilônica como uma das maiores ameaças à Igreja da atualidade, principalmente em face da pregação ecumênica.

## **Abraão de Almeida**

Ministro do Evangelho, jornalista, professor de Teologia Contemporânea, membro da Academia Evangélica de Letras do Brasil. É autor também dos seguintes livros: O Sábado, a Lei e a Graça; Então virá o fim; Desafios da nossa época; As visões proféticas de Daniel; Israel, de Herodes a Dayan; Deus revela o futuro; Tratado de Teologia Contemporânea; Deus, a Bíblia e o Universo, e Israel, Gogue e o Anticristo, este último com várias edições no Brasil e em Portugal.

